



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COLEGIADO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

SUANNE SOUZA DA SILVA

**O FOTÓGRAFO SOCIAL E O MERCADO DE TRABALHO:
UMA ANÁLISE SOBRE OS DESDOBRAMENTOS DA PROFISSÃO DO
FOTÓGRAFO SOCIAL NA CIDADE DE MACAPÁ**

MACAPÁ-AP

2014

SUANNE SOUZA DA SILVA

**O FOTÓGRAFO SOCIAL E O MERCADO DE TRABALHO:
UMA ANÁLISE SOBRE OS DESDOBRAMENTOS DA PROFISSÃO DO
FOTÓGRAFO SOCIAL NA CIDADE DE MACAPÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Departamento de Filosofia e
Ciências Humanas – Colegiado de Ciências
Sociais – da Universidade Federal do Amapá,
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharelado e Licenciatura plena em
Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Msc. Adriana Tenório da Silva

MACAPÁ-AP

2014

SUANNE SOUZA DA SILVA

**O FOTÓGRAFO SOCIAL E O MERCADO DE TRABALHO:
UMA ANÁLISE SOBRE OS DESDOBRAMENTOS DA PROFISSÃO DO
FOTÓGRAFO SOCIAL NA CIDADE DE MACAPÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Banca Examinadora, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Amapá.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Msc. Adriana Tenório da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Amapá

Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto (Membro)
Universidade Federal do Amapá

Prof. Esp. Alexandre Brito Pereira (Membro)
Seama

Nota: _____

Data: ____/____/____

MACAPÁ-AP

2014

Dedico este trabalho ao meu pai, Edinei
Que foi o meu ponto de partida.

AGRADECIMENTOS

Por proporcionar a essência da vida e as pessoas que por mim passaram, agradeço agora e sempre a Deus, que foi e será sempre o alicerce da minha vida.

Agradeço também a minha família, que desde criança me incentivou aos estudos sem deixar de lembrar do respeito, da responsabilidade, da lealdade e do trabalho em grupo.

Aos meus pais, Edinei e Rita, meus sinceros sentimentos que são maiores do que qualquer coisa que já sente e conseguirei um dia explicar, bem como as minhas irmãs Suelenne e Suenny, que me auxiliam desde sempre, principalmente através da compreensão, apoio e união, que acontece entre nós do nosso jeito.

Também os meus amigos, que foram extraordinários nesse momento significativo da minha vida, a eles devo minha gratidão, por terem sido prestativos e compreensivos com a minha pessoa. Foi nesse momento que eu pude descobrir que amigos existem e são de carne e osso, e estão encarnados nas pessoas de Tomé Júnior, Suzany Rodrigues, Suzany Bitencourt, Mayara Gabrielle, Ozeni Almeida, Miquéias Marques, Alex Castro, Camila Rocha, Valdeir Barbosa, Meire Rodrigues, Jeilson Rodrigues, Jenilson Rodrigues, Betânia Nunes, Neto Medeiros, Jeane Cajado, Lúcia Delgado, Maurício Alencar, Gleiciane Mafra, Romerson Dias, Marlon Santana, Wilerson Almeida, Valdeir Barbosa, Aline Vanesa, Maria Luana.

A minha querida turma de ciências sociais 2009 que muito me incentivou, aos amigos que fiz na unifap durante a graduação e também ao fotoclube fotógrafos anônimos que me fez conhecer outra vertente da fotografia que até então não conhecia.

Também aos meus queridos entrevistados, que foram muito gentis em me ceder um pouco do seu tempo para conversas esclarecedoras que auxiliaram na produção do referido trabalho.

Bem como dos professores que conversei sobre o trabalho e me fizeram enxergar questões ainda não percebidas e que foram muito válidas para a elaboração deste trabalho.

Hoje posso dizer que das fases da minha vida, esta é sem dúvida, a que mais marcou a minha história até agora. Foi a partir da graduação que eu pude vivenciar e amadurecer ideias e sentimentos que hoje me permitem dizer com toda carga de consideração o quanto sou grata pela ajuda e apoio que me foi dado de forma direta ou indireta. A todos, muito obrigada!

“A visão fotográfica significa uma aptidão para descobrir a beleza naquilo que todos vêem como algo demasiado comum...” (SONTANG, 2006 p.106)

“Na nossa sociedade, a imagem passa a ser utilizada como testemunho e o fotógrafo como testemunha. Uma testemunha ausente, pois o que sobra de seu trabalho é somente a imagem que fixou e que não lhe pertence mais na medida em que é vendida, veiculada em revistas ou coladas em álbuns.” (MAUAD, 1990, p. 60)

SILVA, S.S. O fotógrafo social e o mercado de trabalho: uma análise sobre os desdobramentos da profissão do fotógrafo social na cidade de Macapá. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Ciências Sociais – Universidade Federal do Amapá. 2014.

RESUMO:

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as relações e modificações que ocorreram/ocorrem no mercado de trabalho dos fotógrafos sociais locais. Na cidade de Macapá este campo vem se modificando ao longo do tempo, principalmente a partir da implantação de outras duas formas de se trabalhar com a fotografia. Entre as novas modalidades enfatiza as empresas especializadas em (cobrir) eventos sociais e os sites/portais que divulgam o trabalho fotográfico de forma virtual. Para tanto realizamos um levantamento teórico na temática sobre o advento da fotografia e seus profissionais, com o intuito de compreender como os fatores sociais e econômicos, influenciaram na relação entre fotografia e seu operante. Em campo optamos por trabalhar com fotógrafos que já atuavam na cena local a mais de 10 anos e que acompanharam a passagem dos equipamentos analógicos para os digitais e como essa mudança afetou e /ou contribuiu para a expansão do fazer fotográfico e o mercado de trabalho.

Palavras-Chave: Fotógrafo social, mercado de trabalho, profissão e terceirização.

SILVA, S.S. O fotógrafo social e o mercado de trabalho: uma análise sobre os desdobramentos da profissão do fotógrafo social na cidade de Macapá. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Ciências Sociais – Universidade Federal do Amapá. 2014.

ABSTRACT

This research aims to analyze the relations and changes that have occurred / occurring in the labor market of local social photographers . In the city of Macapa this field has been changing over time , especially after the implementation of two other ways to work with photography . Among the new modalities emphasizes the specialized companies (cover) social events and websites / portals that publish the photographic work virtually. For this we conducted a theoretical survey on the theme of the advent of photography and its professionals , in order to understand how social and economic factors influence the relationship between photography and its functioning . In the field we chose to work with photographers who were already active in the local scene for over 10 years, and who accompanied the transition from analogue to digital equipment and how this change has affected and / or contributed to the expansion of photographic making and the labor market .

Keywords: Photographer social , labor market , trade and outsourcing

Lista de Imagens

Figura 1 – A vista da Janela

Figura 2 – Propaganda da Kodak

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
LISTA DE FIGURAS.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – O FATOR HISTÓRICO ECONÔMICO.....	14
1.1 – O século XIX e a fotografia: surgimento e expansão da invenção.....	14
1.2 – A fotografia como arte.....	19
1.3 – Formas de massificação decorrentes da fotografia.....	23
1.3.1 – Os cartões de visita.....	23
1.3.2 – A Kodak e massificação das máquinas fotográficas.....	24
1.4 – O surgimento amadorista e fotoclubista.....	26
CAPÍTULO II – O PROFISSIONAL DA FOTOGRAFIA.....	29
2.1 – O Fotógrafo.....	29
2.2 – O (a) fotógrafo (a) de eventos sociais?.....	32
2.3 – Formação da Clientela.....	39
2.4 – Ainda sobre a formação da Clientela.....	41
2.4.1 – A contratação.....	41
2.4.2– O preço.....	43
2.4.2– A entrega do Material.....	44
2.5 – A tecnologia no meio fotográfico.....	46
CAPÍTULO III – TRABALHO, PRODUÇÃO E CONSUMO NO ÂMBITO DA FOTOGRAFIA.....	51
3.1 – O desenvolvimento no campo fotográfico.....	51
3.2 – A sociedade como consumidoras de eventos sociais.....	53
3.3 – O mercado de trabalho e a terceirização	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERENCIA.....	72
APENDECE 1.....	75
APENDECE 2.....	76
APENDECE 3.....	77

INTRODUÇÃO:

Este trabalho de conclusão de curso teve como objeto de pesquisa o profissional da fotografia e suas relações com mercado de trabalho. Analisamos como estes profissionais, ao longo do histórico de profissão vêm se modificando e se adaptando no novo formato do mercado fotográfico.

No Estado do Amapá, nota-se a partir dos anos 2000, a entrada de algumas empresas oriundas, principalmente das regiões nordeste e sudeste do país, que se instalaram aqui e trouxeram na bagagem outras formas de mercado. A terceirização do trabalho do fotógrafo fica evidente a partir da intenção de empresas que fazem a cobertura de eventos sociais, processo antes realizado somente pelos fotógrafos locais, e que passou a ser realizado por essas empresas, modificando a forma como desenvolviam seu trabalho fotográfico.

Para que esse estudo fosse possível, fizemos primeiramente um levantamento teórico, partimos dos dados históricos da fotografia e de como esta está intimamente ligada desde seu surgimento com o mundo do trabalho. Em seguida lançamos mão das referências teóricas do mundo do trabalho de cunho sociológico. Em campo, optamos por entrevistar fotógrafos que já atuavam no campo profissional há mais de dez anos na cidade de Macapá, entre estes profissionais temos oito homens e uma mulher, e esse recorte foi realizado com o intuito de compreender as mudanças que sofreram em sua profissão. Destacamos também as mudanças das ferramentas de trabalho por qual passaram estes profissionais, da transição do equipamento analógico para o digital, bem como os percalços vivenciados em suas atuações nos eventos sociais.

Analisamos como a fotografia mudou o seu formato e como o seu operante, o fotógrafo, também teve que mudar sua forma de trabalho, passando a atuar em outras áreas, como exemplo o manuseio digital – arte gráfica, devido a chegada dos arquivos digitais.

Quando a fotografia entra no espaço social, primeiramente para atender a burguesia e depois as classes populares intensifica o trabalho do profissional da fotografia, pois antes da popularização da fotografia ele era o único que dominava a técnica e conhecia o equipamento.

Com o surgimento das câmeras portáteis, com Kodak, que se especializou em fabricar materiais fotográficos e fez difundir e massificar a fotografia surgindo um outro

personagem, o fotógrafo amador que com a fabricação da primeira câmera portátil que proporcionava facilidade em fotografar com autonomia. O que se tornou um dos motivos da profissão do fotógrafo sofrer desvalorização, posto que fabricavam suas ferramentas de trabalho a preços mais em conta e começaram a ser utilizadas também pelos profissionais, que trabalhavam em ateliês ou de forma itinerante.

Ainda que o fotógrafo exerça seu trabalho de forma autônoma, na atualidade, tem havido mudanças na maneira como eles são contratados. Aonde a terceirização do seu trabalho esta cada vez mais frequente, bem como a presença de fotógrafos de sites/portais com um pouco mais de uma década vem fazendo parte do cenário fotográfico local, registrando festas, mas com a finalidade de pô-las em sites para que sejam numericamente mais visíveis.

E sobre a terceirização da mão de obra local, realizada pelas empresas especializadas em formaturas, é possível visualizar como menciona Ricardo Antunes (2005) sobre a terceirização que vem desse os anos 1980, também tem ligação ao que Giovanni Alves (1999) chama de “subproletarização tardia” que é composta por pessoas que estão a margem dos trabalhadores de fixos e de carteira assinada.

Ambos os autores discorrem sobre um viés do trabalho que atualmente vem ocorrendo devido a demanda capitalista de diminuição de custos, por isso o aumento de trabalhadores temporários e que trabalham em horários parciais, mas com uma maior carga de cota por trabalho desenvolvido.

Em âmbito local, os fotógrafos sociais de Macapá, vêm presenciando e vivenciando a terceirização de sua mão de obra, desde a entrada das empresas de formatura, que além de trazerem uma nova forma de dinâmica de trabalho fazem diminuir seu campo de atuação, ao que se refere às formaturas, fecharem turmas inteiras (termo utilizado...). E como foi dito, nas entrevistas em relação à diária do fotógrafo, eles acabam cedendo às normas dessas empresas pelo fato, da fotografia ser intensa em algumas épocas do ano e o fluxo de formaturas serem uma forma de renda, ainda que em menor proporção.

A partir dessas questões postas, o trabalho escrito foi dividido em três capítulos para melhor retratar a dinâmica do objeto de pesquisa. Onde o primeiro capítulo está o contexto histórico com vertente ao profissional da fotografia com discussões sobre seu trabalho e os desdobramentos da mesma até a sua chegada ao Brasil.

O segundo capítulo mostra um possível perfil de fotógrafo social, sendo analisada fatores escritos por autores sobre o desenvolvimento desse ofício, bem como

da forma como se comporta e como ocorre sua contratação. Explicada com base nas entrevistas realizadas pelos fotógrafos macapaenses.

E o terceiro capítulo explana sobre as atuais relações existentes entre fotógrafos e seu atual mercado de trabalho, que ganhou novas formas de desenvoltura. Posto que exista a presença de sites e empresas especializadas em formaturas que tomaram grande parte desse nicho de mercado e utilizam a mão de obra dos fotógrafos como forma de prestação temporária de serviços, através de diária com preço baixos.

CAPÍTULO I – O FATOR HISTÓRICO ECONÔMICO

1.1- O século XIX e a fotografia: surgimento e expansão da invenção

O século XIX foi palco de grandes e decisivas questões sociais, econômicas e políticas, que impulsionaram o mundo a novas formas de governo e de trabalho. E é nesse século, em meio a essas transformações que também surge a fotografia.

As revoluções acontecidas nesse período decorreram dos pensamentos iluministas, como demonstra Rubim Santos Leão de Aquino quando diz “... Os filósofos atacam duramente as instituições do Antigo Regime. E era o que ela precisava – uma justificação para o assalto ao poder, e o Iluminismo veio prepara o ‘clima revolucionário’”. (AQUINO 1995, p.113). Evidenciando que neste período iluminista os pensamentos e escritos se tornariam via para momentos de transição social.

A ascensão da burguesia ao poder, e a consolidação do sistema capitalista geraram modificações que foram decisivas para a estruturação de novas formas de governo, novos modos de produção de mercado e de vida social.

Com a revolução industrial e as modificações ocasionadas nos campos do comércio, produção e político fez com que as mudanças no campo social não demorassem a chegar, e isso teve reflexo no comportamento humano. Posto que para poder sobreviver nesse novo sistema o proletariado precisava vender sua mão de obra para a burguesia que era dona do maquinário. Esse novo sistema que tomou corpo de uma maneira acelerada logo fez seus subordinados (conduzia de maneira autoritária e insensível aqueles menos abastados) que para sobreviver aceitaram trabalhar em fábricas sob condições desumanas com a esperança de poder sobreviver com o que lhes pagavam.

Concomitantemente com os acontecimentos relacionados ao trabalho, economia e política, via-se que o campo da ciência, também se desenvolvia e realizava grandes descobertas que mudariam a vida do homem, como o automóvel, o avião, o telefone, a energia elétrica e etc. Essas descobertas foram resultantes dos trabalhos de alguns pesquisadores por terem feito observações e experimentações, e assim conseguirem desenvolver invenções que se tornaram essenciais à humanidade por conta de sua objetividade.

Decorrente do século XIX, a fotografia foi apresentada ao mundo por Louis Jacques Madé Daguerre (1787-1851), no dia 08 de Janeiro de 1839, através da Academia Francesa de Ciências como o nome de “Daguerreotipo”. Fazendo deste momento um marco histórico para a humanidade, onde o homem finalmente conseguia criar uma forma de fixar imagens, e assim poder reproduzir e guardar aquilo que via.

No entanto tal invenção só foi possível a partir de vários outros experimentos que sucederam o daguerreotipo. Roger Karman (1976) relata que a câmara obscura que desde a Grécia antiga já era utilizada com o intuito de visualização de imagens e a partir de então vários foram os nomes de cientistas e pesquisadores que observavam tentando fixar e reter imagens, sendo eles Aristóteles, Alhazen, Leonardo da Vinci, Angelo Sala, Johan Heinrich Schuze, Thomas Wedgwood. Após o surgimento do daguerreotipo, Wilian Henry Fox Talbot, Abel Niépce, Louis Menard, Robert Bingham, dentre tantos outros que muito contribuíram com a trajetória da fotografia.

No entanto, coube a Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) a responsabilidade pelo desenvolvimento da heliogravure¹, que após alguns testes conseguiu resultados satisfatórios através da câmara escura, por ter capturado uma imagem decorrente da exposição que realizou em sua casa direcionando a câmara obscura para uma janela com o intuito de descobrir o que poderia ocorrer, tornando esta a considerada primeira fotografia da história, chamada “A vista da janela”.



Figura 1 - A vista da Janela

E após esse episódio, Niépce passou a trocar correspondências com Daguerre, e ambos se associaram durante dez anos. Karman (1976) ainda ratifica que seis anos

¹Heliogravure é um processo que utiliza um ácido composto por betume da Judéia e um solvente que penetram nas ranhuras existentes pelo formato do desenho e quando removido pelo óleo de lavanda deixa um espaço que retém a tinta possibilitando as posteriores cópias do material.

antes da divulgação do “Daguerreótipo” Niépce falece e então Daguerre continua os estudos sobre como fixar uma imagem sem que a mesma viesse desaparecer com o tempo, e em 1839 patenteia o daguerreotipo, vendendo sua patente à França, que tornou o daguerreotipo domínio público, e o inventor mediante pensão vitalícia viveu assim sua morte:

Enquanto seus contemporâneos daguerreotipavam quase tudo que os rodeava, Daguerre se retirou para uma cidadezinha do interior da França, onde gastou o resto de seus dias – e sua pensão vitalícia –, pintando quadros e desenhando cenários para peças de teatro. (Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1994, p.4819)

Verificando dessa maneira que diversas tentativas aconteceram para conseguir a captura e a fixação de imagens, e desde tempos antigos, quando pensadores como Aristóteles e Leonardo da Vinci visualizaram e compreenderam a dinâmica da câmara escura e suas possibilidades, o homem se propôs a buscar capturar imagens (todo esforço gasto em prol dessa questão foi válida, apesar das dificuldades). Muitos pesquisadores e cientistas se propuseram a fazer parte dos desbravadores da fotografia que durante muitos anos se esforçaram para tal descobrimento e desenvolvimento.

Essa vontade de registrar fatos e coisas vem da vontade do ser humano em reter imagens, como relata Tomaz W.M. Harrelh (2002) ao afirmar que o homem possuía desde os tempos da caverna a necessidade de gravar imagens, e as pinturas existentes em suas paredes demonstravam isso. O autor discorre ainda que os anos passaram e as formas de desenhos para representar as imagens se aprimoraram. Esses homens foram desenvolvendo mecanismos para reproduzir cópias de desenhos, tempos depois do período pré-históricos, como a litogravura, até surgir o Daguerreotipo que possibilitava um recorte da realidade de forma mais fidedigna.

Com o “daguerreotipo” era possível capturar e fixar imagens, primeiramente, registrava-se paisagens e objetos, por causa do longo tempo necessário para registrar as cenas, e em seguida passou-se a retratar pessoas, por se ter conseguido diminuir o tempo de exposição. No entanto, para realizá-los eram necessários aparatos² que deixasse as pessoas imóveis, para que sua fotografia saísse de forma nítida, porque qualquer pequeno movimento poderia desfocar a fotografia.

²Eram utilizados como suportes em fotografias, poltronas, colunas, aparatos para manter as cabeças imóveis, estantes e dentre outros.

Houve então uma grande procura pela fotografia, as pessoas se encantaram pelo novo invento, ainda mais pelo realismo que conseguiam visualizar nas imagens retratadas, e logo a fotografia foi ganhando espaço, mas o público era composto primeiramente pela camada mais abastada, posto que mesmo sendo mais barata que a pintura, o “daguerreotipo” possuía elevados custos para os padrões da época. E só posteriormente com os aperfeiçoamentos e barateamento dessa nova invenção, que foi possível atingir um maior quantitativo de pessoas, no caso os menos abastados.

E assim como foram realizadas diversas tentativas e estudos sobre formas de se trabalhar com o daguerreotipo, diversos também foram os processos desenvolvidos para a fixação de imagens no decorrer da história como a chapa úmida³, o ambrótio⁴, o ferrótio⁵, o processo negativo-positivo⁶, o calótio⁷ e da chapa seca⁸. E dentre outros que foram desenvolvidos com esse fim, o de facilitar o manuseio e aumentar a qualidade das imagens registradas, bem como a diminuição do tempo necessário para a obtenção da imagem.

E antes dessa expansão e fascínio pela fotografia havia outras formas de representação, como a pintura e o miniaturismo, mas pelo surgimento da fotografia sofreram abalo com a nova invenção e alguns de seus profissionais chegaram a migrar para o novo ofício que trabalhava com a representação.

³A chapa úmida de calódio era o tipo de retrato realizado em estúdio e que era destinada, principalmente a pessoas públicas, que podiam reproduzir inúmeras vezes o seu retrato.

⁴Diferentemente da chapa úmida o Ambrótio, foi um processo mais rápido e menos custoso por ter o “... dorso escurecido por tecido de verniz [...] Tratado dessa maneira, o negativo não podia mais ser copiado” (KARMAN, 1976 p. 18)

⁵“... Assim como o ambrótio, o ferrótio era um negativo de chapa úmida de calódio em um fundo escuro, que dava origem a uma imagem positiva. Mas ao invés de usar uma chapa de vidro escurecido com verniz ou tecido, Hannibal empregou uma folha de metal esmaltada de preto ou marrom escuro, como suporte do calódio.” (KARMAN, 1976 p. 25). “... Por suas características, o ferrótio era bastante empregada por fotógrafos ambulantes” (TURAZZI, 1995 p.282)

⁶Processo desenvolvido pelo cientista Willian Henry Fox Talbot e apresentado à Royal Institution of Great Britain no dia 25 de janeiro de 1839, como esse processo conseguiu desenvolver “o teste mais importante consistia na ampliação dessa técnica a uma imagem gravada em uma câmera. Após expor um negativo a uma cena exterior, Talbot fez uma cópia positiva e obteve uma imagem reconhecível” (KARMAN, 1976 p. 12)

⁷Possuía aspecto enevado por não ter suas linhas bem definidas e em 1940 foi anunciado por Talbot por ser o avanço revolucionador do processo negativo, sendo mais sensível e gravava a imagem em papel sensibilizado.

⁸ A chapa seca foi um processo desenvolvido por George Eastman, de “uma emulsão de gelatina e brometo de prata” (p. 13) decorrente de vários experimentos que desmitificava o complicado processo da chapa úmida de calódio e que passou a ser fabricado em massa, a chapa seca é o que conhecemos como filme em rolo.

Sobre esse assunto Walter Benjamin (1987) demonstra que os mais abalados foram os miniaturistas⁹ pois segundo ele, foram os que mais sofreram com a chegada desse novo ofício, que conseguia mais realismo em suas imagens com tempo mais reduzido para fazer o processo e conseguir o resultado do “daguerreotipo”. Mas por adquirirem experiência através das técnicas em manipular o equipamento típico dos miniaturistas e saber das poses para retratos, que conseguiram através do ofício anteriormente realizar com mais sucesso o novo trabalho, o de ser fotógrafo, por já terem mais experiência com o público e suas demandas:

No momento em que Daguerre conseguiu fixar as imagens da câmera obscura, os técnicos substituíram, nesse ponto, os pintores. Mas a verdadeira vítima da fotografia não foi a pintura de paisagem, e sim o retrato em miniatura. A evolução foi tão rápida que por volta de 1840 a maioria dos pintores de miniaturas se transformaram em fotógrafos, a princípio de forma esporádica e pouco depois exclusivamente. A experiência adquirida em seu ofício original foi-lhes muito útil, embora o alto nível do seu trabalho fotográfico se deva mais à sua formação artesanal que formação artística. Essa geração de transição só desapareceu gradualmente. Uma bênção bíblica parece ter favorecido esses primeiros fotógrafos: os Nadar, os Stelzner, os Pierson, os Bayard, chegaram todos aos noventa ou cem anos. (BENJAMIN, 1987 p.97)

Esse momento de transição de um ofício a outro, demonstra que numa sociedade onde as múltiplas formas de trabalho são realizadas conforme a demanda e aparatos existentes para o desenvolvimento do mesmo, Benjamin (1987) afirma que o dinamismo social decorrente das múltiplas formas econômicas, políticas e sociais podendo desencadear formas de trabalho condizentes com o momento vivenciado, no caso da análise do miniaturismo na fotografia. Tal mudança foi gradativa, pela percepção existente de que a nova invenção se tornara em pouco tempo sinônimo de inovação e fértil campo de trabalho.

Ainda sobre os miniaturistas Gisèle Freund (1976) menciona que toda invenção ao nascer provoca crises e discussões, e faz aparecer novos ofícios assim como ao mesmo tempo faz desaparecer os mais antigos, mas ainda que seja sinônimo de progresso, as novas invenções já nascem fadadas ao fracasso.

Sendo a mudança de profissão dos miniaturistas e parte de pintores para a fotografia, que possuía a ideia alto valor de lucro, por ser mais preciso e simples que a

⁹Retratistas minuiaturistas foram artistas que trabalhavam com desenhos em miniaturas de pessoas, em sua maioria, e a experiência adquirida serviu para que pudessem desenvolver melhor seu trabalho quando mudaram para fotografia, após o seu surgimento e expansão no século XIX.

pintura e o miniaturismo. Bem como por haver mais lucro nas mercadorias entregues. Como demonstra a autora ao discorrer que os fotógrafos conseguiam vender seus clichês¹⁰ a um preço dez vezes menor que os retratos em miniaturas, mas com rendimento bem maior por causa da quantidade que vendiam seu material. Ela mostra como exemplo que na cidade de Marsella eram vendidos cinquenta retratos por ano, feitos pelos pintores miniaturistas (que não passava de cinco pessoas na época). Mas com o passar dos anos e com a chegada da fotografia, a cidade já possuía cerca de cinquenta fotógrafos, que faziam de mil a mil e duzentos clichês, o que demonstrava a grande ampliação e desenvolvimento de seu material.

A procura pela fotografia ampliava seu mercado produtor e consumidor, e as pessoas sentiam a necessidade de possuir esse novo objeto, que era guardado em portajóias, como lembranças preciosas. Neste mesmo período de expansão da fotografia também houve intelectuais e artistas que criticavam sua prática, sendo possível visualizar discussões levantadas com alto grau de importância para a história da fotografia, (onde tratar da fotografia como uma questão de desenfreada expansão mercadológica, e da tecnicidade da fotografia). Até a discussão do seu caráter como arte ou não arte, que colaborou para que fossem repensados alguns valores e até mesmo permitisse visualizar de maneira reflexiva as questões norteadoras referentes à fotografia e seus pontos de discussão.

1.2 – A fotografia como arte

A fotografia surge no mundo como algo revolucionador, uma invenção que conseguiu melhor do que qualquer outra reproduzir através de imagens formas e detalhes que encantaram o homem de tal maneira que alguns pensadores e artistas consideraram essa a evolução da pintura, já que, ela retratava o real com todos os seus por menores ou pelo menos era o que se pensava. Mas essa ideia não foi bem admitida e vários artistas e pensadores discordaram desse conceito, não acreditavam que a fotografia pudesse carregar consigo técnicas e questões artísticas na forma como obtinham as imagens, por considerarem a fotografar o ato de apertar um botão.

Contudo, a fotografia era temida por seu realismo impressionante e se pensava que logo tomaria o lugar da pintura, um desses críticos foi o poeta Charles Baudelaire

¹⁰ Clichês são chapas onde se gravava uma imagem para ser reproduzida por meio de impressão.

(1821-1867) que defendeu a ideia de que se deveria delimitar o espaço de cada uma (pintura e fotografia), sem deixar que a segunda invadisse o espaço da primeira, posto que, em sua concepção a fotografia não passaria de uma forma de memória documental e a arte a criação pura realizada pela imaginação sem precedentes reprodutivo, tal antipatia percebida nos escritos de Baudelaire é causada, pelo receio em relação à substituição de uma pela outra, o que é possível perceber quando diz:

O “novo sol” adorado pela multidão idólatra é com certeza a luz que entra na caixa obscura, imprime a imagem sem que o fotógrafo tenha algo a ver com isso: ele contenta-se em assistir a cena não passa do assistente da máquina. (BOUDELAIRE, *apud*, DUBOIS, 2003 p. 28).

Percebe-se assim uma forma de incômodo que a fotografia causava ao autor, Maria Inez Turazzi (1995) ratifica que na concepção de Baudelaire a fotografia por se difundir e possuir caráter industrial se distanciaria da arte, por não ter o mesmo espírito de unidade e sim de variedade, como é possível verificar com os cartões de visita onde eram reproduziam vários do mesmo, e o fato de ter sido logo aceito e difundido na sociedade, que o deixava inda mais desapontado, como demonstra a autora sobre seu pensamento “... ela não devia passar de uma técnica a serviço da ciência e da arte. No entanto, a fotografia invadia os domínios desta última na medida que os próprios pintores deixavam de pintar o que sonhavam para pintar o que viam”. (TURAZZI, 1995 p59). E esse tipo de posicionamento foi bastante presente em suas discussões referentes à fotografia como algo distante da arte, ainda que se tentasse discuti-la nesse parâmetro.

Outro crítico importante, Hippoly Taine (1828-1893), é também um bom exemplo, onde fala da fotografia como ótima reprodutora daquilo que fotografa, mas que não chega a se comparar com a pintura. Mesmo com essas ideias, houve pensadores que defendiam a questão da “libertação da arte pela fotografia”, onde haveria uma separação radical, como Philippe Dubois (2003) mostra em seu livro, a arte como criação imaginária e a fotografia como um instrumento de fiel reprodução do real. Pablo Picasso (1881-1937) aparece também no livro de Dubois, através do fragmento de um diálogo com Brassai (1899-1984), onde surge como um defensor da fotografia e em seu discurso ele mostra que ela chegou num bom momento para libertar a pintura das anedotas, literatura e do próprio sujeito.

Em meio a essas questões surge o pictorialismo (1890-1920) um movimento que surgiu no século XIX, como confirma Heloise Costa (2008), com intuito de desenvolver discussões sobre a fotografia como arte e tenta ser contra a massificação existente pela industrialização da fotografia, onde é possível perceber três correntes que foram encabeçadas por Oscar Rejlander, (com fotografias de cunho alegórico proveniente a fotomontagem), também Henry P. Robinson (que emprega a fotomontagem, sendo com caráter mais realista) e a terceira de maneira mais próxima da pintura impressionista. Mas como essas três correntes em pouco tempo foram se mesclando então já não havia mais uma corrente predominante e elas passaram a ser conhecidas como pictorialismo.

Com o movimento pictorialista avanços, no que diz respeito ao formato e discussões, sobre imagens produzidas por essa nova maneira de fotografar, pareceram modificando a ideia de que a fotografia substituiria a pintura. O que proporcionou a arte a premissa de não prender-se a retratar o real, tornando-a livre para mostrar a subjetividade de seu artista. E deixando para fotografia a fixação das cenas corriqueiras que se formavam em segundos e eram passíveis de registro, o que também modificou a maneira de planejar uma fotografia, que deixava de ser tão tradicional e passava a ter um ar mais artístico. O que Costa (2008) explica como sendo uma espécie de amadurecimento da pintura e da fotografia com relação a seus respectivos campos de atuação.

Esses ideais pictorialistas estão presentes também nas concepções do fotoclube, que pode ser verificado a luz de Ana Maria Mauad (1990) que deixa claro essa corrente de conceitos pictóricas dentro das ideias utilizadas para melhor difundir as questões artísticas dentro da fotografia, e que eram realizadas com intuito de seus participantes se diferenciarem da massa, posto que a elite possuía vontade de fazer trabalhos diferenciados daqueles realizados por fotógrafos em ateliês com poses frontais e assim utilizar noções pictorialista como fonte de partida para realizar fotografias com caráter artístico.

Benjamim (2000), também reflete a fotografia, discorrendo sobre a aura, que emana de um objeto ou de uma determinada situação pelo seu caráter de unicidade e originalidade, o qual denomina aura, e a partir dessa ideia faz uma analogia sobre a obra de arte e a fotografia, onde demonstra que a obra de arte é única e ela carrega consigo sentimentos particulares decorrentes de seu caráter mais artesanal, específico, e que dessas características emana a aura.

E em relação à fotografia este mesmo autor fala sobre a aura que possuirá num retrato de uma pessoa, que depois apreciado por sua perda ou pela distância dessa pessoa retratada é que pode ser percebida a melancolia que ela emana, cada vez que alguém a vê, mas a fotografia vai perder sua aura quando existir a ausência dessa pessoa ou a sua perda, quando na foto existir apenas lugar:

“... Na expressão fugidia de um rosto humano, nas fotos antigas pela última vez emana a aura. É isto que lhes empresta aquela melancólica beleza, que não pode ser comparada a nada. Mas, a partir do momento em que o homem está ausente da fotografia, o valor de exposição supera decisivamente o valor de culto...” (BENJAMIM, 2000. p. 323).

E a perda da aura pronunciada por Benjamin se dará pela questão da reprodutibilidade técnica, que segundo o autor as massificações das obras de arte ocorridas através da reprodutibilidade técnica estão ocasionando numa perda da aura, que vai se dá pelo distanciamento que as pessoas vão ter, no percurso da história com a essência das coisas, posto que a essência de um objeto que era único passa a ser reproduzido várias vezes e no percurso dessa reprodução a aura se perde e ela já não existirá no objeto, sem qualquer sentimento possível para apreciação.

Sobre a questão da aura é possível perceber que a fotografia vai possuir discussões dinâmicas ao longo de seu percurso, primeiramente com sua “descoberta” que foi um processo de evolução da câmara obscura e que perpassou pelo mundo das artes, sendo por muitos desprezada até conseguir fazer parte dela, e em seguida com a industrialização maciça das fotografias e das câmeras fotográficas, que tomou grandes proporções além de gerar novos campos de discussão, a fotografia deixa de ter um caráter somente documental ou de representação social e passa a ter também um valor sentimental e artístico a quem a fotografia pertença, como demonstra Benjamin (2000).

Discussões como essas vão ser cada vez mais frequente e com olhares cada vez mais diferenciados possibilitando a visualização do que ainda não se tinha percebido ou que mudaram conforme as novas disposições em que se encontra a fotografia e seus meios de tramitação na sociedade. E através da industrialização e massificação da fotografia, será possível visualizar ainda o vasto caminho percorrido pela 9ª arte. Com suas várias formas de massificação de fotografia e equipamento fotográfico, aguçando a curiosidade e vontade do ser humano em querer uma registrar e possuir o registro do seu cotidiano.

1.3– Formas de massificação decorrentes da fotografia:

1.3.1 – Os cartões de visita como forma de expansão fotográfica

Surge em 1854 uma técnica conhecida como *Carte de visite* desenvolvida por André Disdéri, (1819-1889) francês que depois de perceber que apenas uma parcela da população possuía retrato, pelo alto custo dos mesmos, desenvolveu uma forma mais simples de fotografar, que levava menos tempo para serem reproduzida e finalmente mais acessível.

Segundo Marcelo Eduardo Leite (2011) O *Carte de visite* possuía em média o tamanho de 5x9 cm, e geralmente mostravam o busto das pessoas, mas ficaram conhecidos também por mostrar pessoas de corpo inteiro. Os retratos feitos eram geralmente individuais e as pessoas às vezes levavam seus instrumentos de trabalho para mostrar qual era a sua profissão ou vestiam suas melhores roupas ou as que o ateliê oferecia, mas que geralmente não condiziam, em sua maioria, com sua classe social, mas que lhes dava o status que gostariam de serem vistos.

Em seu artigo, Leite (2011) mostra que esse contexto social deve ser encarado como relevante para análise da representação social, ou pelo menos o que se refere à forma como essas pessoas pertencentes de classes mais baixas gostariam de ser retratadas. Como essas fotos eram feitas em ateliês, que possuíam aparatos que auxiliavam os clientes na hora de fazerem as fotografias, com roupas, cenários e acessórios e outros, que ajudavam os fotógrafos e seus clientes a criarem situação que deveriam ser registradas.

O autor diz também que “O retratado podia adquirir 12, 24 ou 36 imagens iguais, podendo inclusive, voltar ao ateliê para encomendar mais cópias, já que o negativo ficava arquivado no estabelecimento.” (LEITE, 2011 p2). Essa nova forma de retrato se tornou mais comum entre as pessoas que não faziam parte da burguesia.

Essa questão da representação social é também estudada por Mariana Muaze (2007) em que expõe ser a partir da difusão do *carte de visite* e do mesmo se transforma em objeto de coleção pessoal que o habitus de se deixar fotografar e depois de trocar entre amigos e familiares essas fotos, fez com que a procura por esses retratos, com o fim de colecionar, aumentasse a demanda para a realização dessas fotografias.

Demonstrando dessa maneira que o fato de haver esse novo habitus, o de colecionar cartões de visita, impulsionasse ainda mais o mercado fotográfico além de proporcionar as clientes menos abastados a sensação de fazerem parte da camada social a que não condiz com sua realidade social.

Além de ser uma forma de representação social, o cartão de visita também era realizado de acordo com o status que o fotógrafo possuía quanto mais renome e prêmios obtinha maior era seu círculo de clientes. O que é possível verificar ainda na fala de Muaze (2007), onde faz um estudo comparativo entre duas famílias oitocentista de classes sociais distintas, demonstrando que a família menos abastada em ocasiões especiais frequentava ateliês que prestavam serviços para famílias de classe alta para que suas fotografias pudessem adquirir status mais elevados e assim mais valor simbólico no momento de presentear ou fazer a troca com algum familiar ou amigo que compreenderá o significado da marca do ateliê no verso da fotografia.

Esse fator demonstra e comprova que os cartões de visita realizados possuíam cunho social sustentado pelo status que seria percebido primeiramente pelo o que a fotografia estava mostrando, e posteriormente pelo ateliê que fora visitado para se fazer tal fotografia.

Com a chegada da máquina portátil houve a disseminação da fotografia que proporcionou o desencadeamento de diversos registros do cotidiano com ângulos tão bons quanto aquelas realizadas por fotógrafos profissionais em ateliês, houve uma propagação ainda maior da fotografia entre as pessoas, mostrando dessa maneira que a facilidade e portabilidade da máquina fotográfica ocasionaria em uma nova fase da fotografia, a dos amadores.

1.3.2 – A Kodak como forma de massificação das máquinas fotográficas

Através do percurso histórico sobre a expansão da fotografia pode-se verificar, na escrita de Karman (1976) que o mérito da popularização da mesma se deve a partir do desenvolvimento em facilitar o manuseio da câmera fotográfica, realizado pelo inglês George Eastman (1854-1932), pois foi em razão de não aceitação o complicado processo de manuseio da chapa úmida do calódio, que após ler um artigo que mostrava que a gelatina podia ser utilizada seca e junto com o brometo de prata que se tornava mais sensível a ponto de conseguir fotografar. Foi então que Eastman desenvolveu uma

máquina para a produção em massa das chapas secas. E percebeu que para a popularização da fotografia era necessário um material leve, barato e flexível, desenvolveu os filmes em rolo.

Não era uma ideia nova, como coloca o autor, mas somente Eastman havia conseguido fabricar de forma comercial e em grande escala, fazendo surgir dessa forma a “Eastman’s American Film” que fabricava um rolo de papel revestido com uma camada bem fina de gelatina. Depois de revelado era necessário que o filme fosse tirado da máquina para poder remover a emulsão de cima do papel o transformando dessa maneira em negativo e assim possibilitando fazer cópias fotográficas. Esse processo demandava que o cliente quando terminasse de utilizar as cem chapas da máquina reenviassem para a fábrica que revelaria e mandaria as fotografias e a máquina carregada para mais registros, mediante pagamento antecipado da mesma.

O novo filme criou um verdadeiro falatório entre os fotógrafos, contribuindo para a fabricação de câmeras bem mais baratas, leves e de fácil manuseio. E em junho de 1888 a Kodak é lançada por Eastman, iniciando uma nova era da fotografia com uma câmera fotográfica portátil e de fácil manuseio.

E desde sua criação, a Kodak teve a intenção de facilitar e aperfeiçoar as máquinas fotográficas para que as pessoas comuns, que quisessem fotografar, pudessem fazer isso com a maior facilidade possível. E com o slogan “Você aperta o botão e nós fazemos o resto”, é possível perceber o verdadeiro divisor de águas no mundo fotográfico, a partir deste momento equipamentos fotográficos passaram a ser feitos em fábricas e em grande escala o que explica a expansão da fotografia pelo mundo, demonstrando também um abalo ao que se refere à profissão do fotógrafo, por não possui dificuldades que impedisse qualquer pessoa a fotografar, os materiais diminuíram de tamanho assim como a facilidade em fotografar aumentou.



FIGURA 2 – Propaganda da Kodak

A partir da Kodak o mundo passou a registrar seu cotidiano e ampliar seu consumo por imagens, por ter conseguido simplificar, como relata a autora Maria Inez Turazzi (1995) em alguns passos o momento do click, “... Este primeiro modelo da Eastman Kodak Company reduzia as operações com a câmara a simplesmente três atos: ‘puxa a corda’, ‘virar a chave’ e ‘pressionar o botão’...” (TURAZZI, 1995:78). Esses passos foram cruciais em favor da Kodak e da sua forma em adquirir novos adeptos para a fotografia e convencê-los da facilidade e mobilidade em se fotografar.

Como demonstra Maud (1990) “... A pequena máquina portátil – 9,5 cm de altura, 8,2 cm de largura e dotada de um rolo com 100 fotogramas – inaugurou a era do fotoamadorismo...” (Maud, p.63). Demonstrando que a partir do melhoramento do equipamento fotográfico e da industrialização, o mesmo foi possível a difusão da fotografia pelo mundo, que passou a fazer parte da vida cotidiana do homem, como algo essencial para o registro de seus momentos diários, tornando-os eternos a partir das fotografias. E como essa difusão possibilitou que as pessoas fotografassem sem a necessidade de saber manejar totalmente o equipamento que possuíam.

1.4 – O surgimento amadorista e fotoclubista

Quando a Eastman Kodak Company passou a produzir de forma maciça as máquinas fotográficas portáteis, fez aparecer nesse momento os amadores, esses que consumiam a nova invenção e se deleitavam em poder registrar o mundo que viam. Por haver facilidade e praticidade em conseguir fazer sozinhos uma fotografia, tal questão fez surgir algumas discussões que só puderam ser realizadas após a utilização crescente das máquinas fotográficas, que fez o comportamento social se transformar. As pessoas começaram a registrar principalmente seus momentos cotidianos.

E essa questão fez aparecer aqueles que não aceitaram tal situação e como remonta Mauad (1990), a partir de um grupo chamado “Linked Ring” fizeram da luta em transformar a fotografia em arte, nos moldes da pintura acadêmica, questão essa que se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil em 1904 pelo Fotoclube Carioca e em seguida em 1923 pelo Fotoclube Brasileiro, que a partir da lançamento da revista *photograma*¹¹, como reforça a autora, trazia informações sobre normas pictóricas, novidades e técnicas lançadas pela firmas de artigos, com o intuito de fazer que esses amadores se tornassem meros batedores de chapa e que pudessem fotografar seguindo a risca as normas pictóricas e dessa forma desenvolver trabalhos artísticos, a função do fotoclube como é posto no texto de Mauad (1990) é de formar pessoas com novos olhares e que através desse grupo, o fotoclube, que através de um custo mensal pudessem desenvolver na teoria e na prática a fotografia:

O Fotoclube Brasileiro é uma associação dos que amam a fotografia e oferece a seus membros de ambos os sexos mediante a contribuição mensal de rs. 5\$000, o laboratório com ampliador, lições de um técnico competente, sala de pose, sessões mensais, concursos mensais, exposição anual de fotografia e distribuição mensal de *photograma*. (MAUAD 1990 cp. 64)

O fotoclube Brasileiro perdurou de forma mais assídua e com grande número de frequentadores até a década de 50, período em que fotógrafos amadores como José Oiticica Filho, resolveram não mais seguir as regras postas pelo fotoclube que seguiam a linha pictórica e decidiram-se então a desenvolver outras formas de fotografar, sem padrões fixos, de forma mais flexível e que pudesse levar a outros tipos de resultados fotográficos.

¹¹A *Revista Photograma* foi lançada pelo Fotoclube Brasileiro e suas edições se deram entre os anos de 1926-1931 com o intuito de atualizar os fotógrafos nacionais de técnicas e novidades internacionais no campo da fotografia, assim como questões teóricas que desencadeariam discussões a respeito da expansão da fotografia no Brasil e no mundo.

E ainda sobre o fotoclube Brasileiro a autora Mauad (1990) demonstrar uma questão bastante relevante a respeito dos amadores no país:

Entretanto, não se pode deixar de lembrar da outra categoria de amadores. Falsos ou não, foram os antigos batedores de chapas, aqueles que entregavam o seu trabalho para ser revelado pelas casas comerciais de material fotográfico, os que predominaram entre os amadores. Tanto influenciados pela estética fotoclubística, que lhes dava conselhos úteis sobre o enquadramento correto da foto, como indiretamente afetados pela ruptura na fotografia que lhes incitaria a mudar de ângulo e ver a realidade de um outra maneira, a maioria destes amadores se mantinham afastados das querelas teóricas, das pesquisas estéticas e da química dos laboratórios. (MAUAD 1990 p.64)

O que demonstra que a predominância dos batedores de chapa leva a crer que mesmo com os fotoclubes, ainda houveram aquelas pessoas que não se importavam com as técnicas e sim, com o registro de seus momentos domésticos, para que pudessem de alguma forma guardar para si suas histórias cotidianas, sem que houvesse interesse de pensar a fotografia como arte ou não.

Batedor de chapa, termo que designava pessoas que não se importavam com as regras postas pela academia, nem com as discussões sobre a fotografia no campo da arte. Mas como Mauad (1976) coloca em sua tese, foi essa parcela da população, a que não se importava com as regras, que mais consumiram o material fotográfico. Para marcar diferentes categorias de usuários da câmera foram estabelecidas as seguintes denominações, os amadores, os batedores de chapa e de fotógrafos profissionais do ramo social, (como verificado durante a produção deste trabalho, no que se refere o trabalho dos fotógrafos de estúdio).

Esse foi um período de transição fotográfico onde a industrialização já estava associada à fotografia e seus materiais fotográficos eram feitos e encontrados onde houvesse fotógrafos e demanda para fotografia. Com essa nova fase, de desenvolvimento e facilitação da fotografia, ocorreram mudanças no campo profissional, onde a procura maior se dava pela aquisição e revelação do material fotográfico e não mais da obtenção do mesmo, através de ateliês. Acarretando no abalo da profissão do fotógrafo que exercia seu ofício em um círculo pequeno e agora passava a dividir com um grande público, amador, o ato de fotografar.

CAPÍTULO II – O PROFISSIONAL DA FOTOGRAFIA

A partir da discussão realizada no capítulo anterior sobre o surgimento da fotografia e de suas intervenções no mundo, desde o século XIX, que proporcionou mudanças no comportamento do homem no campo econômico, político, trabalhista e o social. Onde será dado prosseguimento na discussão da fotografia e sua inserção social, mas com enfoque na pessoa que exerce a profissão de fotógrafo. Posto que este personagem seja responsável por registrar os momentos de transição dos outros indivíduos através da fotografia.

Portanto neste capítulo será feito um panorama sobre o perfil do fotógrafo com enfoque ao fotógrafo de evento social, que é o objeto central desta pesquisa. Para tanto foram realizadas pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo, onde foram feitas entrevistas e observações sobre a profissão do fotógrafo social, e a partir dessa coleta de dados poderemos refletir, abordando suas práticas e as dificuldades por eles apontadas.

Foram realizadas 9 entrevistas, sendo 8 homens e 1 mulher. Que tinham em média dez anos de profissão, o que possibilitou a rede de contatos com fotógrafos que começaram na profissão no tempo analógico e que vivenciaram a mudança para o digital. Como será visível neste capítulo.

2.1 – O fotógrafo

Quando a fotografia surgiu uma nova profissão foi sendo consolidada – a de fotógrafo – que após o estabelecimento da nova forma de representação social, a fotografia passou a ser muito praticada, mesmo não sendo algo muito simples. Posto que ter noção de químicos para sensibilizar as chapas e depois revela-las, saber do tempo necessário para que a imagem ficasse gravada, e também compreender de iluminação, do enquadramento, demandava tempo e dedicação para o conhecimento e aprimoramento das técnicas necessárias para ser tornar um fotógrafo.

O que faz crer que esse profissional passou por várias situações que lhe fez adquirir um status importante na sociedade através de sua presença e descrição para desenvolver trabalhos tanto autorais quanto sociais, dependendo da linha que mais estaria propenso a seguir.

Nos momentos de mudança na fotografia esses fotógrafos se adaptaram as novas situações e assim conseguiram continuar na profissão, mesmo sendo em novos formatos, mas houve casos de pessoas que não conseguiram tal destreza e estes se afastaram da fotografia e foram ocupar outro ofício quando, por exemplo, ocorreu com a chegada de equipamentos digitais no século no final do século XX e início do XXI.

Gisèle Freund (1976) relata que os primeiros fotógrafos profissionais se formaram através de pessoas que já possuíam algum tipo de ofício e que por não estarem mais satisfeitos com o que faziam resolveram migrar para nova profissão. Inicialmente a profissão de fotógrafo parecia, o que é demonstrado pela autora quando menciona a entrada, primeiramente, de artistas medianos ou medíocres em suas antigas ocupações, que através de suas antigas profissões já possuíam noção de desenho e iluminação, e assim conseguiam realizar de maneira mais desenvolta os trabalhos fotográficos.

Freund (1976) exemplifica seus argumentos discorrendo sobre o caso de Félix Tournachon Nadar que só iniciou na profissão por está passando por crise econômica, assim como tantos outros em parecida situação, que mesmo desacreditando desse ofício iniciaram-na por haver boas expectativas econômicas, levando em conta o fato das pessoas estarem cada vez mais interessadas em posar com a finalidade de obter uma cópia de si, através da fotografia.

Ainda sobre a profissão do fotógrafo Boris Kossoy (2002) ao fazer um estudo das atividades fotográficas no Brasil demonstrou que a entrada da profissão no país se deu primeiramente por estrangeiros, que se estabeleceram em algumas capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará e outros, onde montaram seus ateliês ou fizeram trabalhos itinerantes, mas como no início possuíam necessidade de ajudantes, passaram a recrutar interessados na profissão através de notas em jornais, e quem quisesse aprender essa crescente e promissora profissão poderia procurá-los nos referidos endereços dos anúncios.

A transmissão do conhecimento ocorria através de ensinamentos práticos onde o ajudante ou aprendiz iria ter contato com os aparatos utilizados nas fotografias, bem como a forma de seu funcionamento, como relata o autor,

É de se imaginar que o ensinamento era eminentemente prático; o aluno seria introduzido nas operações básicas da câmera, seus mecanismos, e no manuseio das chapas, sua sensibilidade etc.; tinha de aprender a iluminar os modelos no estúdio e para tanto estudar com afinco os efeitos da luz natural e

seu controle; os materiais, técnicas e processos para o processamento químico das chapas, a tiragem etc. (Kossoy, 2002 p. 41 a 42)

Kossoy (2002), sobre os anos de 1840 a 1860 mostra significativa incidência de anúncios em jornais que demonstravam justamente essa vontade em querer ensinar pessoas que quisessem aprender a fotografar. Sobre esse momento da profissão dos fotógrafos no Brasil, Ana Maria Mauad (1990), aponta outra questão também pertinente a análise, que é a da dificuldade em se conseguir aprender técnicas com os fotógrafos, posto que não haviam cursos destinados as pessoas que quisessem aprender a profissão, e quando conseguiam tal oportunidade, a mesma se dava por se tornar amigo ou aprendiz de algum fotógrafo profissional, sendo os mesmos autodidatas por isso desenvolviam seus próprios estilos e formas de fotografar, não costumavam ministrar cursos, repassavam seus ensinamentos através de práticas diretas.

Os cursos, propriamente ditos, destinados às pessoas interessadas em aprender fotografia vão ocorrer, já no século XX através do Fotoclube Brasileiro, que toma essa iniciativa com o intuito de educar o olhar das pessoas, para que não se tornassem meras apertadoras de botão e não pudessem compreender o sentido de fazer uma fotografia, utilizando máquinas portáteis.

O fotógrafo profissional, como destaca Mauad (1990) foi muito valorizado por seu caráter artesanal, no tempo que eles mesmos desenvolviam os aparatos que os auxiliavam no momento da fotografia, além de possuírem conhecimento com os químicos, luz e velocidade. Mas com o tempo o ramo fotográfico foi se industrializando e aos poucos esse profissional foi deixando de fazer seus instrumentos, comprando-os em casa que vendiam equipamentos fotográficos e assim foi se adequando aos novos tempos. O que significar dizer que através da industrialização e aperfeiçoamento dos equipamentos fotográficos, houveram as primeiras ruptura na profissão, posto que as técnicas já não ficavam restritas a um pequeno grupo de pessoas, agora tanto os equipamentos como as técnicas poderiam ser realizadas por qualquer pessoa.

O que também contribuiu para a desvalorização do profissional foi a “... ‘facilidade’ do trabalho e avidez do público consumidor pôr mais e mais imagens, não importando a sua qualidade, o trabalho do fotógrafo foi se desvalorizando”. (MAUAD, 1990:60). Tendo em vista que as novas facilidades estavam sendo consumidas de maneira descontrolada, a profissão do fotógrafo sofreu abalo no que se refere magia em manipular a máquina, os químicos, e as placas sensibilizadas, ou seja, em desenvolver

seu trabalho, mas a partir da industrialização das câmeras com modos mais simples e práticos de fotografar, esses profissionais precisaram desenvolver e especializar seus trabalhos, mesmo que a procura por material mais barato se desse com frequência. E eles começaram a adentrar cada vez mais no meio social, registrando eventos, jantares, bailes, dentre outros.

Visualizando-se dessa forma que as fases vividas pela fotografia estivessem ligadas a mudanças oriundas do desenvolvimento mercadológico que impulsionava a industrialização e conseqüentemente o desenvolvimento de equipamentos fotográficos que se tornavam cada vez mais leves e práticos, proporcionando o consumo de qualquer pessoa que quisesse fotografar. Entretanto, o fotógrafo profissional possui conhecimentos que um fotógrafo amador não possui, que é o conhecimento de técnicas advindas da experiência com o equipamento e das vivências enquanto fotógrafo, quando refere-se a fotografia de eventos sociais e suas etapas.

2.2 – O (a) fotógrafo (a) de eventos sociais

As fotografias revelam que um fotógrafo esteve presente em um determinado momento e capturou uma imagem. Posto que este profissional anseie a busca em retratar um momento importante da vida do seu respectivo público, através dos detalhes, das cerimônias, que comemoram algum tipo de nova fase na vida dessas pessoas.

O que faz crer que o fotógrafo de eventos sociais tem um importante e significativo papel perante a sociedade, posto que seguir a linha de trabalho de registrar eventos sociais, como aniversários, casamentos, bailes, e etc., pressupõe disposição em querer reter momentos que posteriormente lembraram a comemoração ou passagem de um status a outro, como nos eventos de formatura. O que reforça a ideia de que o fotógrafo de evento social desenvolve um trabalho que reforça a memória, principalmente dos familiares, por serem nos álbuns de família que se encontraram a grande maioria das fotografias que contam a história dos indivíduos, através do prisma de pessoas, fotógrafos, que nem sempre são da família, mas com a permissão desses indivíduos se tornam uma espécie de contador de histórias alheias.

E esse fator faz pensar sobre como, no Brasil, se iniciaram as primeiras formas de trabalhos fotógrafos de eventos sociais, e esse questionamento é vislumbrado por através de Maud (1990) que por meio de um anúncio da *revista fotograma*, ao fazer

propagandas dos ateliês que realizavam fotografias internas e externas fez aumentar o público e a quantidade de ateliês na cidade do Rio de Janeiro, mas poucos foram os selecionados pela elite para frequentar esse meio. Segundo a autora, mesmo que os fotógrafos tenham começado a adentrar nesse meio e a registrar as melhores expressões dos frequentadores dessas festas e bailes, eles ainda assim não eram de fundamental importância para que demonstrasse seu bem estar. Essa procura vai se dá em decorrência de fotografias realizadas por ateliês e por reportagens fotográficas que fez aumentar a procura pelas mesmas, posto que aparecer publicamente através da fotografia demonstrando participação social foi um grande motivo para que os fotógrafos de ateliês que possuíam experiência fotográfica pudessem registrar eventos dessa elite, com Mauad (1990) destaca:

A elite carioca não prescindia do fotógrafo para documentar a sua riqueza, poder e bem viver. Foram os retratos em atelier e as reportagens fotográficas de ocasiões especiais como: casamentos, batizados, bailes, comemorações diversas, etc. que fizeram o nome dos estúdios fotográficos (Mauad, 1990 p.61)

E a partir de então raros fotógrafos eram permitidos a adentrar nas festas e cerimônias realizadas pela elite, garantido o registro das mesmas.

O ato de fotografar um evento social requer além de habilidades com o equipamento, que o fotógrafo conheça as etapas da cerimônia, pois é a partir dos momentos primordiais do evento que as fotografias serão realizadas e comporão o álbum fotográfico. O álbum deve conter de forma cronológica o andamento do evento, que costuma passar despercebido pelos atores principais da festa, mas que depois de observar o álbum é possível vê e relembrar o momento festejado e as pessoas que ali estiveram para prestigia-lo, lembrando que esse momento só ocorre uma única vez, como demonstra Roland Barthes (1984) “... O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorre uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente...” (BARTHES, 1984 p13 a 14).

Essa alusão do autor faz pensar que o fotógrafo se torna uma espécie de narrador, que conta a histórias dos rituais para que fora contratado, e assim demonstrar em forma de imagem momentos únicos nas vidas das pessoas que ali estão postas.

E durante as entrevistas realizadas com os fotógrafos, houve o auxílio de um roteiro de perguntas e no final de cada entrevista os fotógrafos eram perguntados se permitiam a veiculação de suas falas no trabalho escrito e com a sua permissão oral armazenada no gravador, pode-se fazer uso das falas que exemplificam com mais veracidade o conteúdo pesquisado. O que pode ser visto a partir de como os posicionamentos dos fotógrafos locais que trabalham fazendo cobertura de eventos sociais pensam sobre o atual desenvolvimento de seu mercado de trabalho, na cidade de Macapá.

Sendo possível verificar que esses fotógrafos, sabem da importância de seus trabalhos e que as fotografias que fez vão se tornar eternas na vida dos familiares que as possuem, como é o caso do fotografo Edinei que sobre o fato de registrar as cerimônias remete a essa questão:

“[...] a grande recompensa que a gente tem é de fazer esses momentos, alguém olhar daqui a vinte anos e dizer assim ‘égua, olha o papai, como ele era...’, então esse clique ai ele não vai ter fim, mas sempre quando alguém olhar vai ter aquela lembrança do que aconteceu.” (Fotógrafo Edinei).

Podemos perceber que a fala demonstra entendimento por parte dos fotógrafos sobre sua profissão. E o que ela representa para a sociedade, já que, esse profissional tem a responsabilidade de registrar e congelar um momento dinâmico e que será lembrado através da fotografia, por isso cada trabalho deve ser feito como a consciência de que será algo único e, portanto só haverá uma forma de se saber daquele fato.

O fotógrafo de eventos sociais é aquela pessoa que através de sua experiência com o equipamento fotográfico e com o público que frequenta esses eventos, se torna responsável pelo registro desses momentos. Esse conhecimento é de fundamental importância, posto que o fotógrafo deva ter noção do que irá acontecer no evento, saber dos diferentes que compõem a ordem dos fatores de cada um deles e assim poder registra-los para memória daqueles que o contratam.

Dando destaque aos referidos rituais¹², conhecidos como eventos sociais, para demonstrar que é através desses momentos, de comemoração de um status a outro, que o fotógrafo desempenha o seu trabalho, como ressalva Madio (1990),

¹²É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por término e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento,

Na nossa sociedade, a imagem passa a ser utilizada como testemunho e o fotógrafo como testemunha. Uma testemunha ausente, pois o que sobra de seu trabalho é somente a imagem que fixou e que não lhe pertence mais na medida em que é vendida, veiculada em revistas ou coladas em álbuns. (MAUAD, 1990 p60).

Ele é uma figura presente e deve ser ausente ao mesmo tempo, por ser necessário a discrição e a atenção quando se está fotografando. Nesse sentido, descrever o que seria um fotógrafo de evento social constituiria em uma importante compreensão do papel que eles cumprem dentro da sociedade desde o século XIX, como retratista e posteriormente como fotógrafo profissional, levando em conta as relações que exercem com seus clientes e os seus colegas de profissão.

Deste modo o fotógrafo de evento social é aquele que já tem experiência com o equipamento fotográfico, o manipula e é ágil quando está trabalhando, tem postura profissional e é agradável com os convidados da ocasião, conhece o desenrolar dos eventos que fotografa e continuamente está atento aos mínimos detalhes do evento, pois são os registros desses momentos que marcam seu trabalho e agradam os donos da festa, como por exemplo, como a hora dos parabéns, a valsa a meia noite, o beijo depois do sim, a entrega da hóstia na 1ª comunhão e na crisma, a água banhando a cabeça da criança no batismo que é rodeada pelos pais, padrinhos e o padre, no juramento e no recebimento do grau quando posto o capelo seguida da frase “assim eu o concedo”.

Quando perguntados sobre como deve ser o comportamento de um fotógrafo profissional, todos foram unânimes em falar do comprometimento e respeito com o desempenho do seu trabalho; a cordialidade e simpatia que fazem todo diferencial, tanto durante o serviço prestado como para uma indicação futura de outro serviço. Sem esquecer o traje usado que deve corresponder com o ambiente da festa; o horário de chegada no evento, em que deve ser em média de 1h de antecedência da cerimônia, para que se conheça o espaço, a iluminação do local, os pontos para as melhores fotos e também mostrar o comprometimento do profissional com os donos da festa.

paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. A cada um desses objetos acham-se relacionadas cerimônias cujo objeto é idêntico, fazer passar um indivíduo de uma situação determinada a outra situação igualmente determinada. [...] Aliás, o indivíduo modificou-se, porque tem atrás de si etapas, e atravessou diversas fronteiras. Daí a semelhança geral das cerimônias do nascimento, da infância, da puberdade social, noivado, casamento, gravidez, paternidade, iniciação nas sociedades religiosas e funerais. (GENNEP, 2011 p. 14)

Outra característica da profissão é a necessidade em alguns momentos, de algum parente ou amigo do contratante lhe servir como guia, lembrando que assim como um antropólogo precisa de um informante para ser seu guia e para que consiga visualizar as principais relações existentes em um dado local, o fotógrafo, em alguns casos, também precisa de algum parente ou amigo muito próximo aos donos da festa, que conheça as pessoas ali presentes e o grau de importância sentimental, parental e social que elas possuam para aquela pessoa naquela festa,

Não tem cerimonial eu chamo alguém da família, alguém bem próximo e quando a gente vai lá a gente não sabe quem são as pessoas mais próximas, existem os casos de família, tem famílias que a galera não se dá legal, então as vezes tem um tio ai que não é muito bem vindo ali, eu gosto muito de deixar que a família organize isso pra mim, eu sempre vou, eu chego no evento e eu colo numa pessoa que eu percebo que é integrada, e assim, é um coringa ali na família. Então essa pessoa eu converso com ele e já faço com que essa pessoa ajeitar isso pra mim, tipo, “vamos fazer uma só os primos”, “olha vamos fazer uma só com as mulheres”, então se eu chamar poucas pessoas vem, mas se eu chamar como ela é da família “bora pessoal, bora, bora” ai quer dizer, a galera vem. [...] Ela conhece todo mundo [...] Geralmente mulheres. (Fotógrafo Edinei)

Mas essa situação não ocorre via de regra, como ressalta outra fotógrafa entrevistada:

Você só se apresenta pra pessoa “Cheguei, vamos fazer suas fotos” e você nem precisa falar muito lá dentro, precisa saber organizar as pessoas, quem é seu parente, quem é seu aderente, que é seu irmão, bata uma com seu irmão, bata uma com seu tio, quem é seu parente aqui, e não precisa ficar batendo papo com ninguém lá dentro com Deus e o mundo, é porque se não a pessoa não te contrata mais, entendeu. Mas isso ninguém me ensinou, eu fui percebendo. (Fotógrafa Tereza)

Contudo, na falta desse auxílio o fotógrafo deve saber dirigir as cenas, iniciando-se com registro das pessoas mais importantes da cerimônia, em seguida com todos os familiares e depois com cada um deles, separadamente, para que se possa montar um álbum fotográfico registrando a presença dessas pessoas que ali estiveram para prestigiar o evento para que foram convidadas.

Após a contratação do fotógrafo existe uma espécie de ritual de preparação para a cobertura do evento, onde são analisados os equipamentos como máquinas

fotográficas, lentes, flechas, pilhas, baterias, a bolsa que vai guardar todo esse material que auxilia o fotógrafo no momento de registrar o evento. Bem como a indumentária a ser utilizada, que deve ser de acordo com o local da cerimônia e a camada social que estará presente.

Um fator interessante mencionado por Gisèle Freund (1976) sobre o início da profissão do fotógrafo foi a de ter sido exercida com intuito de obter lucro rápido, por causa de sua ascensão e grande procura a partir do século XIX, essa situação perpassou até o século XXI onde é possível verificar na fala de alguns dos entrevistados que iniciaram na profissão de fotógrafo por perceber que esse era o meio mais rápido de se conseguir dinheiro.

Do quantitativo de nove fotógrafos, pelo menos três assumiram ter começado na profissão somente pelo fator econômico, sendo que um deles confirmou não gostar da profissão e só exercê-la por saber de seu rendimento e grande nicho de mercado, principalmente ao que se refere o ramo da formatura:

Foi à necessidade, foi à grana mesmo. [...] No início foi um amigo meu que me ensinou [...] comecei exatamente com esse rapaz que me ensinou a fotografar. [...] Eu perdi um filme, né?! Ele já me levou diretamente no Araxá né?! Pra gente treinar já na prática pra ganhar dinheiro, né?! Não podia tá perdendo dinheiro atoa assim. Nós saímos fotografando e ele me deu mais ou menos uma ideia. (Fotógrafo Paulo)

Situação parecida vivenciada por outro fotógrafo entrevistado:

Só me apresentou a pequena máquina, uma tripy e só, [...] dei iniciativa por mim próprio [...] Só o básico enquadramento e focagem, e só [...] Ele era fotógrafo antigo daqui [...] Eu era panificador, ai eu mudei para a parte de fotografia por influência do meu amigo [...] (Fotógrafo Herberte)

A ânsia por um trabalho que auxiliasse de forma rápida na renda da família, também foi um fator preponderante para este outro entrevistado:

“Foi mais um problema de necessidade, entendeu, ele me convidou ‘o que que tu acha de trabalhar pra mim?’ ai eu ‘rapaz eu tô parado, então um bora’, eu tinha uns 22 anos. Antes eu fui vendedor de livro, depois fui trabalhar na construção civil, depois eu fui trabalhar com planos ambientais, sistema ambiental...” (Fotógrafo Valdomiro)

O que demonstra que este entrevistado passou por variados trabalhos até chegar ao de fotógrafo e desde então se especializou na profissão e junto com outro colega deu andamento em um negócio próprio e agora além de fotografar, gerencia uma pequena loja que também presta serviços de coberturas fotográficas e trabalha com produções de eventos em geral.

Este último entrevistado assumiu não gostar da profissão, e que a exerce por uma questão de nicho de mercado, presente na cidade. Contudo não é o caso dos outros entrevistados da pesquisa que afirmaram gostar da profissão e exercê-la com orgulho.

Mesmo que tenha havido significativa diminuição na contratação dos fotógrafos profissionais, e assim ocasionando na baixa do lucro de seus trabalhos, por ocorrerem com espaçamentos cada vez maiores de um evento a outro, e aumentando com a entrada do “digital” as pessoas passaram a fotografar mais e dessa forma contratar menos um fotógrafo profissional para a cobertura fotográfica de seu evento, o que é percebido na fala de outra entrevistada:

Era mais respeitada porque quando você via uma pessoa fotografando era porque ela sabia mesmo, ela sabia fotografar. Na época que eu comecei a fotografar (..) quando você via, você chegava num grupo de fotógrafo e via a pessoa fotografando era porque ela sabia mesmo. Hoje eu vejo muitas reclamações mesmo, “poxa fulano bateu minhas fotos, mas não ficou boa”, “Fulano bateu minha foto, mas ficou um pouco escura”, “poxa, fulano bateu minha foto, mas eu não gostei”. E a gente, né?! Nem fala pra pessoa, porque é nosso amigo e ele pode até pensar que a gente quer tirar o trabalho dele, desonrar o trabalho dele. Mas hoje tem muito isso, mas antigamente a gente não via essas reclamações não, a pessoa que fotografava, que se dizia ser fotógrafo era de verdade. Ai depois entrou aquelas pessoas que pensavam que era fotógrafo e não eram, mas também não sai porque é o ganho de vida dele é o pão de cada dia, entendeu, apesar de não fotografar bem também ele não sai porque é dali que ele ganha.” (Fotógrafa Tereza)

Os entrevistados ressaltam também que ao mesmo tempo o contrato de trabalho, esteja na responsabilidade pelo resultado do material fotográfico e satisfatório para o cliente, sendo este assunto citado por todos os fotógrafos que estão há mais tempo na profissão, sobre a falta de sensibilidade para com a fotografia por parte do cliente. O respeito a que se referem é de saber o grau de importância que um fotógrafo tem ao fotografar uma determinada cerimônia, pois ele é o responsável pelo registro de um momento único, quando o indivíduo sai de um status e adquire outro, é esse momento ímpar da vida indivíduo que será registrado pelo fotógrafo e que deve ser respeitado.

O grau de responsabilidade que recai sobre ele é tamanho que se acontecer qualquer percalço mesmo que externo ele será responsabilizado, como por exemplo, um momento importante do evento que não foi registrado por algum erro no equipamento, ou uma foto que corrompeu devido algum tipo de vírus, mas que são de sua responsabilidade por haver o entendimento de que é ele o responsável por aquele evento, lembrando que geralmente é contratado apenas um fotógrafo por evento, salvo aquelas cerimônias que são de grande porte e que necessitam de mais de um fotógrafo para a execução do trabalho, o que não ocorre com frequência.

Percebendo dessa forma que mesmo que o fotógrafo possua profissionalismo e saiba como lidar com o público de um evento social, questões externas como vírus em algum cartão de memória, pane no equipamento, são fatores que podem ocorrer independente da vontade no profissional nessa era digital e que também ocorria na época analógica com filmes velados e pilhas que descarregavam rápido. Essas são questões consideradas fatores de risco decorrentes dos equipamentos, mas que são externas as pessoas e, portanto são inerentes aos homens e seus meios de trabalho.

E mesmo que haja essa grande responsabilidade e que os donos das festas exijam qualidade e nenhum percalço por conta do risco em se fazer a cobertura de um evento social, o fotógrafo quando está iniciando necessita adquirir clientes, e no início esse contato ocorre através de sua rede de conhecidos e que vai se expandindo conforme o seu desempenho profissional e visibilidade que vai possuindo, posto que ele assume o risco e se especializa em fotografar eventos para que possa desempenhar seu ofício.

2.3 – Formação da Clientela

A clientela, na fotografia, pode constituir-se de diversas maneiras, como por anúncios nos diversos meios de comunicação, cartões de visitas, indicação ou até mesmo contato direto com os fotógrafos, mas no presente trabalho será destacado a indicação, por ser a forma mais comum de se aproximar de um fotógrafo e do mesmo poder aumentar seu círculo de clientes.

Freund (1976) aponta um fator importante sobre a carreira de Nadar na fotografia, que foi justamente sobre a formação da sua clientela a partir da influência que exercia na sociedade daquela época, e que foi de grande valia no decorrer dos anos em seu ateliê.

A partir de alguns dados obtidos, podemos notar que os fotógrafos na atualidade costumam formar sua clientela, primeiramente a partir de seu círculo social e que vai ser expandido conforme os anos e os trabalhos que forem desenvolvendo.

Cássio, por exemplo, fez a sua clientela a partir da clientela de seu pai:

Logo que eu comecei na profissão, geralmente o meu pai, ele tinha bastante cliente e ele repassava pra gente os clientes, no caso os clientes ligavam pra ele e não dava pra ele está e m vários locais, no caso, então ele sempre repassava pra mim e pro meu irmão. Então eu posso dizer que foi daí que a gente fez a nossa clientela. Eu executei esse serviço e a cliente aprovou e ela já falou “- Toni eu quero o telefone do seu filho...” e ela gostou e passou pra outros e foi assim que eu fiz, com meus clientes. (Fotógrafo Cássio)

E por sua vez, Edinei, mostra que a formação de sua clientela se deu a partir de seu próprio trabalho, por ser este o primeiro fotógrafo da família:

Assim a gente procura apresentar um bom trabalho, desde da analógica e eu tinha, tipo, um 15 anos alguém quer só 70 fotos, que era um pacote padrão 70 fotos, eu ia no evento fazia quase 300 fotos, que dizer sempre a pessoa ia escolher mais do que as 70 sempre, então hoje no digital ele permaneceu porque a gente sempre vai bater a mais [...] Por causa desse diferencial, esse é um diferencial bom, dá a opção pra pessoa escolher, aí também dá algumas vantagens pro cliente, tem que não se importar não só em ganhar, em receber, mas sempre procura dá um bom álbum, aquele álbum que eu dou é personalizado ele tá como um brinde ali dentro e o cliente percebe isso, porque o valor das fotos é o mesmo que os colegas fazem, mas eu dou um bom álbum, eu não tenho problema em dá as fotos que ele escolheu num CD, eu dou geralmente um pôster grande, então tudo isso faz com que as pessoas façam comentários. (Fotógrafo Edinei)

Demonstrando dessa maneira que mesmo utilizando formas diferentes de cativar sua clientela, ambos os fotógrafos tem o intuito de fazer um bom trabalho para assim fidelizar e ampliar sua rede de clientes. Freund (1976) demonstra que quanto mais conhecido e renomado é o fotógrafo, mais chances ele tem de adquirir seu espaço e se tornar visível para seus futuros clientes, tanto que no exemplo de Nadar a autora demonstra esse requisito ressaltando que a partir da sua influência social pôde adquirir clientela mais rapidamente.

O que prevalece dentro da formação da clientela são os laços de fidelidade presentes entre os trabalhadores do ramo fotográfico e os indivíduos que os procuram, pois, a intensificação do seu trabalho irá ocorrer conforme a aceitação dos clientes, o que os faz garantir espaço como profissionais.

Podemos notar que mesmo havendo a entrada dos equipamentos fotográficos digitais, algumas dessas relações perduraram e se consolidam ainda na atualidade, por haver a consciência do trabalho desenvolvido por um fotógrafo profissional de evento social tem um percentual maior sobre a garantia de um bom material entregue.

E sobre a inserção de equipamentos digitais oriundos do atual momento eletrônico e digital que a sociedade está presenciado que o referido trabalho continuará discutindo esse momento vivenciado pelos fotógrafo sociais.

Que mesmo havendo a entrada de novas formas de fotografar, ainda perdura a maneira como ocorre à contratação, a combinação do preço e a entrega do material fotográfico. Esses três passos ocorrem desde o tempo das máquinas analógicas, mas que perduram até hoje, por ser esse um tipo seguido pelo antigos e novos fotógrafos sociais.

2.4 – Ainda sobre o fotógrafo social

2.4.1 – A contratação

Sobre a contratação de um fotógrafo social é interessante ressaltar que em geral pode acontecer de duas maneiras, ou por acordo verbal ou por contrato escrito. Esses acordos verbais ocorrem geralmente no momento do evento como batizado, 1ª comunhão, crisma, festinhas de escola e até formaturas em que várias pessoas estão no mesmo local com a mesma finalidade, participar de uma cerimônia, e nem sempre contratam antes um fotógrafo, e como geralmente nessas cerimônias já há vários profissionais arriscando¹³, ou mesmo contratados de outros clientes, são chamados na hora e após o trabalho prestado verificam, fotógrafo e cliente, a forma de pagamento e entrega do material fotográfico, firmando-se dessa forma um contrato verbal.

E o contrato escrito acontece geralmente em eventos como casamentos, 15 anos e em formaturas, que são eventos mais onerosos e que demandam maior comprometimento do fotógrafo, por ser muito esperado, e como são contactados com antecedência são preparados contratos específicos para cada evento e o valor de cada um respectivamente de acordo com o evento em questão.

¹³Arriscar é um termo utilizado pelos fotógrafos para especificar a ida em eventos públicos para tentar a contratação de algum cliente na hora do evento, sem contato prévio. Assim como pescar e garimpar, também são nomenclaturas utilizadas por eles.

Essa medida se deu porque segundo os próprios entrevistados, já passaram por situações onde o serviço foi cancelado pouco antes do evento pelo cliente, pelo mesmo ter conseguido alguém que fizesse a um menor preço o serviço, deixando o primeiro fotógrafo sem fazer a cobertura fotográfica desse evento e nem de outro por já ter se comprometido e, possivelmente, desmarcado com um outro possível cliente.

Ainda sobre o contrato é importante ressaltar que é comum no momento da assinatura ou no dia do evento, ser feito o pagamento de pelo menos 50% do combinado e o restante quando for entregue o material fotográfico. Diminuindo dessa forma possíveis calotes ou perda total do pagamento, bem como ajuda nas despesas com impressão de fotos e outros custos do trabalho. Observando também que a partir desse contrato assinado há possibilidade do fotógrafo requerer o pagamento judicialmente caso necessário.

Os fotógrafos entrevistados quando perguntados sobre eventuais calotes, respondem que já aconteceu, e que é algo natural e que após alguns contratempos causados por esses prejuízos hoje utilizam os contratos por escrito, por acreditarem ser uma forma de inibição de outros futuros calotes. Como demonstra a fala de Paulo Gil:

Eu gosto de trabalhar com contrato, normalmente, meu material todo só é produzido após ser contratado, aí tem a quantidade mínima [...] do meu trabalho pra poder sair de casa e fazer o registro [...] Eu tenho o currículo farto de bicos, tenho situações, assim até engraçadas... (Fotógrafo Paulo Gil).

Fator, ressaltado por Herberte, mas que em seu ponto de vista se transforma em uma pendência que acredita ser sanada, ainda que demore um tempo a mais para que isso ocorra:

Já, mas aí o prejuízo é dívida e vai sanando aos poucos. Tipo, pendência com alguns clientes, mas aí a gente vai resolvendo e entregando esse material. (Fotógrafo Herberte).

Assim, podemos perceber que mesmo com a contratação, os calotes ocorrem e são fatores comuns no mundo dos fotógrafos sociais, e por terem pelo menos uma década de experiência nesse ramo, sabem como lidar com essas situações e a partir delas criam métodos para que ocorram com menos frequência em seu cotidiano.

2.4.2 – O preço:

O preço cobrado pelos fotógrafos profissionais se dá de acordo com o evento ou quantidade de fotos a serem feitas, bem como a experiência de profissão que esse fotógrafo possui também influencia no momento de fechar um negócio.

Esse é um assunto delicado a ser mencionado, por ser o momento em que se está pondo preço em um serviço fotográfico, é o momento em que o fotógrafo precisa demonstrar para o cliente que assim como o seu evento é algo esperado e repleto de boas expectativas, também a cobertura fotográfica deve ser apreciada como algo único, assim como a cerimônia, até por serem as fotografias do evento que poderão dar testemunho do que ocorreu naquele momento e lugar, posto que os conhecimentos fotográficos servissem como garantia de um bom desempenho profissional com registro dos momentos primordiais da cerimônia.

Algumas situações relacionadas à forma de pagamento e quantidades de fotos a serem feitas em um determinado evento podem ser visualizadas nas falas de dois entrevistados que remetem a firmeza que devem possuir no momento de conversar sobre o preço e não se deixar levar pela fala do cliente,

Nós temos dois caminhos, ou entramos no jogo do cliente e fazemos o que ele quer desde que seja atraente financeiramente, ou não, diz que não “não posso, não tenho condição de fazer, porque eu vou ter prejuízo e eu não pago pra trabalhar”. É horrível, eu detesto dizer não pro cliente, mas tem momento que a gente tem que dizer sim, porque se não você perde algo muito maior que o serviço, que é o respeito, que eu acho que essa relação ela tem que existir em todos os níveis, em relação cliente e profissional, tem que ter essa relação de respeito. (Fotógrafo Paulo Gil)

Demonstrando através dessa perspectiva que o posicionamento do fotógrafo é de fundamental importância para mostrar ao cliente que o trabalho que irá desempenhar vai ser mostrado para as próximas gerações, portanto tem um custo que no final de contas será irrisório perante o tempo que vai durar e as lembranças que vai proporcionar.

E outro entrevistado coloca em sua fala que o fotógrafo pode ser visto como objeto de ornamentação:

Já aconteceu comigo, de alguém querer me contratar pra eu ir lá, pelo meu entendimento pra eu ilustrar a festa, aconteceu da pessoa querer fazer uma

proposta de me convidar pra ir lá fotografar e bater 15 fotos, [...] aí eu perguntei “mas não é um 15 anos? Por que você quer 15 fotos?” Ela disse “não, é porque a gente tem máquina fotográfica, então as outras fotos a gente faz.” [...] O cliente que eu presto serviço, eu dou o meu preço e se o camarada quiser bem, se não quiser eu também dispense ele, porque eu tenho o meu preço. (Fotógrafo Paulo Gilb).

Essas falas demonstram que após algumas situações de calotes e a experiência dos muitos anos na profissão, dos fotógrafos não aceitam que seu trabalho seja pensado como algo menor dentro da cerimônia, e por saber que os outros seguimentos deles têm tanto ou mais importância do que os outros seguimentos que compõem um evento social. Esse pensamento é comum a todos os entrevistados, que demonstram certa frustração decorrente dessa falta de valor ao trabalho do profissional da fotografia, o que serve de argumento por eles quando mostram seu preço ao cliente, e procuram demonstrar aos mesmos que depois do acontecimento o que restará serão apenas as fotografias, para lhes lembrar o dia do evento realizado, as comidas, as roupas e a música, que estarão apenas nas lembranças revividas através das fotografias.

2.4.3 – A entrega do material:

A entrega do material fotográfico corresponde à última etapa do trabalho do fotógrafo profissional de eventos sociais, por ser esse o momento de término oficial da cobertura fotográfica realizada, que dependendo do desenrolar desse momento haverá a fidelização da relação fotógrafo/cliente podendo resultar numa constatação de prestação de serviço a essa determinada pessoa.

Durante as entrevistas foram destacados dois momentos sobre a entrega de material fotográfico, o momento analógico e o momento digital, onde é possível visualizar distinções de tratamento desses profissionais no momento do cliente fazer a escolha das fotografias que vão ser impressas e posteriormente entregues aos referidos clientes.

No momento analógico o fotógrafo mandava fazer o index¹⁴ para que o cliente pudesse visualizar as fotografias feitas e seu quantitativo e após a escolha das

¹⁴Index, é um termo utilizado para descrever a fotografia que continha pequenos retângulos com amostras de todas as poses de um filme em rolo, eram geralmente no tamanho 15x21 cm, e eram utilizadas pelos fotógrafos para que seus clientes pudessem escolher as fotografias que gostariam de comprar. O index

mesmas o fotógrafo, em alguns casos, recebia mais uma parcela do total e mandava revelar as fotografias, que geralmente se davam no tamanho 15x21 cm, e eram entregues já no álbum, pronto para apreciação.

No momento digital, o trabalho se diferencia em alguns aspectos como o formato em que o fotógrafo apresenta as fotografias para o cliente, que geralmente ocorre através do computador onde a escolha pode acarretar algumas situações, como o fato do cliente querer ficar com algumas fotos impressas e o restante em mídia, ou tentar negociar todas as fotografias somente em arquivo digital, como demonstra Paulo Teles:

[...] porque a maioria dos fotógrafos tem o not book e ai chega lá na casa do cliente e mostra no not e quando chega lá, as fotos no not book, o cliente já quer comprar as fotos 100% digital, e já começa a desvalorizar um pouco e ai fazer o quê né?! (Fotógrafo Paulo)

Mas o que ocorre com mais frequência é o fotógrafo entregar seu material tanto no formato digital quanto material (papel) as fotos compradas pelo cliente.

Aquelas que a pessoa escolheu em papel, essa sim eu entrego o arquivo, as outras que seria, tantas, eu vendo, eu entro no acordo e vendo. Ou mesmo assim se não quiser comprar eu guardo, um dia a pessoa vai querer. (Fotógrafo Paulo Gil)

Contudo, uma outra questão sobre a entrega do material fotográfico, que não se refere ao pagamento em dinheiro, mas sim ao reconhecimento sobre seu serviço prestado, e quando pronunciado de forma positiva todo esforço empregado para desempenhar esse trabalho é pago através dessas palavras, e o dinheiro recebido acaba sendo apenas o resultado do esforço em desempenha o seu papel:

Eu me sinto feliz quando eu chego na casa de um cliente e entregando o trabalho dele, no caso, o cliente olhando e falando “Cássio ficou ótimo o seu serviço”, “Cássio, é você quem vai fazer o serviço da minha tia, da minha filha”, no caso, então eu me sinto muito bem, então acho que qualquer pessoa que tá numa profissão, no caso, se sente bem, a pessoa tá elogiando, no caso, ou ele tá vendo que o serviço dele tá bem feito, você pode pergunta, mas acho que ele não vai querer mudar a profissão. (Fotógrafo Cássio).

quase não é mais visto, assim como os filmes em rolo. Do tempo do analógico o index atualmente já não faz mais parte do cotidiano de um fotógrafo, que possui aparatos digitais.

Sendo assim possível visualizar que existe um contexto próprio por trás da profissão do fotógrafo social, e que é peculiar ao indivíduo detentor desta profissão. Pois é ele quem a desenvolve e através das novas gerações perpetua seu formato de como continuar a desenvolver da forma mais profissional o papel do fotógrafo.

E ainda que passe do analógico para o digital a profissão do fotógrafo toma rumos que continua sustentando essa profissão cheia de percalços, mas que tem grande validade a quem a exerce e a quem a contrata, posto que ainda existe procura para que alguém profissional possa desenvolver um trabalho fotográfico.

2.5 – A tecnologia no meio fotográfico

Com a mudança do equipamento analógico para o digital, pode-se presenciar mais uma nova fase no campo da fotografia, o que se refere à mecanização e industrialização da mesma. E assim como no surgimento das câmeras portáteis fabricadas pela Kodak, que eram de fácil manuseio e logo se expandiram pelo mundo por sua portabilidade, o “digital” como é conhecido entre os fotógrafos, chegou ao mercado e logo ganhou adeptos, mas não foi assim tão rápido, porque diferente da máquina portátil da Kodak, os equipamentos digitais possuíam preços altos e no início poucos haviam condições de adquiri-los, e assim como houve a cautela no surgimento da fotografia no século XIX por parte de artistas e pintores por ser algo novo e propenso à ascensão, o “digital” também sofreu com essa cautela dos próprios fotógrafos, por ser novo e mais prático que o analógico.

Nas entrevistas realizadas pelos fotógrafos é possível visualizar algumas falas sobre essa questão dos equipamentos digitais:

Do filme pra digital? Inclusive da digital não faz muito tempo que eu passei, né?! Porque eu fotografei com filme até a entrada de 2000, eu acho, 2002 mais ou menos, porque até eu vendi minha outra digital, e assim, foi um pouco dificultoso quando eu sai do filme, até porque o filme trabalhava sozinho praticamente e eu não achei muita facilidade na digital, a digital não, tu tinha que ter manuseio mais diferente apesar de dizer “ha porquê é digital faz tudo só”, não, tu tem que saber o programa, tem que saber se o programa vai te dar uma boa qualidade naquele momento da luz, tem que saber o manual, se ele vai te dá, né?! E tem várias coisa lá que tu vai ter que saber e nessa hora eu quase me atrapalho e o que é que eu fiz, eu fui com os meninos que já tinham máquina digital e ai me deram umas aulas e eu hoje na digital, sou tudo (risos) (Fotógrafa Teca).

Essa fala ressalta que mesmo havendo a ideia de praticidade, a entrada do digital causou estranhamento no início, mas foram se adequando de acordo com a adaptação e ajuda dos colegas de profissão para que pudesse haver domínio da máquina, mas que não aconteceu com todos os fotógrafos, como relata outro entrevistado:

Em termos de trabalho eu não achei dificuldade nenhuma, no caso, agora em termos de qualidade do equipamento, o serviço fotográfico melhorou bastante no caso. Mas pra “gente fotógrafo” teve uma certa perda, porque a analógica tinha uma durabilidade de 10,15 anos, a digital hoje em dia, você pode comprar sua máquina, no prazo de 2, 3 anos e meio, você já tem que se preparar pra comprar uma outra. (Fotógrafo Cássio).

Expondo assim, que a inserção do “digital” no mundo fotográfico foi se dando de forma diferente entre os fotógrafos. As falas apontam questões interessantes, como a de teca, que já possuía pelo menos 18 anos de carreira com equipamento analógico e depois do ano 2000 começou a trabalhar com equipamento digital e essa transição ocorreu com bastante dificuldade da parte da fotógrafa, posto que os mecanismos eram diferentes e o “digital” possuía mais recursos, que necessitavam uma atenção maior para fazer as fotos, e o auxílio de colegas foram necessários para melhor compreensão do equipamento que havia adquirido. Diferentemente de Cassio, que estava iniciando na profissão e era mais habituado a objetos eletrônicos e não sentiu dificuldades em manusear o equipamento digital, mesmo consciente que a qualidade das máquinas analógicas eram superiores as do digital que passam a ter um caráter mais descartável se comparado uma com a outra. Mas ambos os fotógrafos aderiram ao “digital” e trabalham atualmente com ele de maneira amistosa.

A introdução da tecnologia eletrônica no meio fotográfico fez surgir discussões no âmbito profissional, artístico e até mesmo tecnológico, onde é possível verificar pensamentos como os de Arlindo Machado (2005), autor que faz um panorama evidenciando que a partir dos recursos de utilização e armazenamento de dados fotográficos, bem como dos recursos para modelação direta em computadores, (programas específicos para edição de imagens), são fatores que vem causando mudanças no que se refere o consumo e a prática da fotografia, por conta da inserção tecnológica cada vez mais presente nos meios de comunicação e eletrônica. E como o autor mesmo expõe:

A fotografia não vive, portanto, uma situação especial, nem particular: ela apesar de corroborar um movimento maior, que se dá em todas as esferas da cultura, e que poderíamos caracterizar resumidamente como sendo um processo implacável de “pixelização”... e de informatização de todos os sistemas de expressão, de todos os meios de comunicação do homem contemporâneo... (MACHADO, 2005 p.311)

Machado (2005) põe em discussão também o fato da eletrônica se fazer tão presente no meio da fotografia que o fotógrafo passará a ser um “colhedor de imagens”, “mero fornecedor de uma matéria-prima”, quando se refere ao meio digital e eletrônico, onde esses meios se tornaram os editores que manipularam e transformaram as imagens, como essas existentes em revistas e propagandas, dando-lhes as características que julgam necessárias. O que comprova que o campo virtual é uma realidade e ele vai ser cada vez mais presente, posto que a elaboração de equipamentos digitais esteja sendo cada vez mais frequente, tanto no âmbito dos fotógrafos profissionais, assim como dos amadores, que também podem adquirir máquinas digitais com recursos de edição, ainda que em menor proporção, mas que torna cada vez mais presente a sua participação no meio fotográfico.

Ainda o autor, os programas de edição presentes no atual século, em que a manipulação ocorre de maneira desmedida e acelerada, é possível conceber a presença de imagens híbridas, decorrentes da *metamorfose*, termo utilizado para designar as inúmeras formas de edição que uma determinada imagem de passar para que possa adquirir formato mais agradável para o local onde vai ser comercializada.

Machado (2005) toca em um ponto pertinente a discussão, que é justamente o mito da objetiva, onde ressalta que desde o surgimento da fotografia, há a ideia de reprodução do real, que a partir do desenvolvimento e expansão do digital vai diminuindo, por ser, como o autor mesmo mostra:

O que faz a eletrônica no terreno da fotografia é tornar sensível, ou até mesmo ostensivo, aquilo que todo estudioso da fotografia e todo fotógrafo devidamente conhecedor do seu meio já sabiam desde as origens da fotografia, ou seja, que fotografar significa, antes de qualquer outra coisa, construir um enunciado a partir dos meios oferecidos [...] (MACHADO, 2005 p. 314).

Assim a fotografia passa a ser pensada como imagem construída, como um discurso visual, que será possível a partir da massificação e assimilação por parte dos indivíduos dessas manipulações realizadas com frequência que tornando natural tal

situação, o que possibilita a emancipação da ideia da fotografia como capturadora fidedigna do real.

E ainda sobre a eletrônica no campo fotográfico, Carlos Fadon Vicente (1993) discorre que a fotografia deixa de ser realizada analogicamente, por filmes em rolos, para existir no mundo virtual, onde as informações agora passam a ser armazenadas de maneira virtual, e com isso vivenciar uma nova fase da fotografia, onde os retoques acontecerão com mais frequência, não deixando de lembrar que manipulação ocorre desde os primórdios fotográficos, e sua discussão passa também por questões éticas em relação as manipulações, posto que no momento analógico, esse tipo de fator era passível de verificação e afirmação das montagens realizadas, que não deixavam dúvidas, mas com a chegada do digital as manipulações feitas em computadores com ajuda de programas específicos para isso, tornam essa é uma questão delicada por ser imperceptível em algumas fotos as manipulações realizadas por esses software.

Mesmo percebendo que o campo digital e eletrônico causou mudanças significativas no meio fotográfico, não deve ser considerado um “apocalipse”, porque assim como no século XIX quando a fotografia surgiu, foi acompanhada de questionamentos que duvidavam de suas funções sociais, bem como de seu caráter artístico. O que também ocorreu com a fotografia digital, onde deixava o filme em rolo para utilizar pixels, e através de equipamentos que possuíam meios de armazenamentos digitais. Sem deixar de mencionar que a precaução ocorrida no momento no seu surgimento, foi primeiramente quanto à qualidade de imagens que essas máquinas conseguiam realizar, posteriormente com os avanços tecnológicos e melhoramento de imagens a discussão ficou mais direcionada a questões éticas e maciças das imagens na contemporaneidade.

O que ressalta um interessante ponto no texto, que é justamente sobre a postura ética do profissional, que vai passar a conviver com programas de computadores para manipulação de fotos, que possibilitam a alteração de imagens com rapidez e sem rastro, isso significa que a índole do fotógrafo que atualmente está interagindo com esse novo formato de trabalho, com a manipulação de fotos, pode ocasionar em uma deturpação da imagem, mas dependendo do que se faça, essa situação é posta pelo referido auto, como algo presente na vida dos fotógrafos, e que devem ser realizadas de forma cautelosa, para que sua postura ética permaneça e dessa maneira possa haver a prestação do trabalho, sem alardes por ter havido mau uso da fotografia.

E a partir dessas questões fica visível que as discussões no campo da fotografia estão a todo momento sendo realizadas e de acordo com os acontecimentos de cada momento vivenciado, como a entrada do equipamento digital e a manipulação digital em fotografias que aumentam esse quantitativo, tanto por fotógrafos, que as vezes são pesquisadores também, ou por estudiosos que se sensibilizam com as atuais questões no âmbito fotográfico, acrescentando e difundindo ainda mais os assuntos dessa área.

CAPÍTULO III – TRABALHO, PRODUÇÃO E CONSUMO NO ÂMBITO DA FOTOGRAFIA.

Tendo em vista que em quase duzentos anos de existência da fotografia, ela passou por várias fases em sua história desde a expansão das máquinas ao aumento do número de praticantes ressaltamos um aspecto da questão industrial tecnológica que foi sentido no mercado de trabalho dos fotógrafos profissionais, deixando-os mais vulneráveis profissionalmente perante a gama de tecnologia e barateamento dos aparatos no campo da fotografia. Esse impacto apresenta um considerável reflexo no campo dos profissionais fotógrafos de eventos sociais da cidade de Macapá.

Partindo dessa premissa é interessante visualizar que o trabalho do fotógrafo social é constituído da relação fotógrafo-cliente, fotógrafo-equipamento e fotógrafo-fotógrafo. Onde as formas vivenciadas pelos mesmos na atualidade, são decorrentes do formato que tomou esse campo de atuação desde a sua gênese, perpassando pela ampliação e facilitação do andamento da fotografia pelos continentes, onde a intenção de seus criadores e pesquisadores era de desenvolvimento e melhoramento contínuo da invenção, o que é possível verificar através dos equipamentos digitais presentes na atualidade.

Sendo relevante mencionar que este capítulo conterà informações sobre o meio de trabalho do fotógrafo social, que mostrará questões presentes em suas falas durante as entrevistas e confirmadas nas idas a campo. Podendo visualizar e compreender como ocorrem as relações entre os fotógrafos, deles com seus clientes, bem como a interação com os sites e as empresas de formatura.

3.1 – O desenvolvimento no campo fotográfico

A revolução tecnológica proporcionou ao mundo uma nova e mais rápida forma de dinamismo no que ao que se refere o trabalho e os objetos resultantes desse trabalho. Por essa questão a industrialização ajudou no consumo, sendo a fotografia um deles, sobre isso o autor Cláudio Kubrushy (2006) assinala fatos que apontam para essa contribuição (maciça para a expansão das máquinas fotográficas e assim da fotografia pelo mundo, podendo ser praticada por pessoas com poder aquisitivos não tão altos e em maior fluxo).

O autor expõe que o alarde feito sobre o esgotamento das jazidas de prata fez com que a ideia de uma máquina fotográfica, sem rolo de filme fosse mais bem aceita nesse momento de inserção digital na fotografia. Posto que o sistema Mavica prometia revolucionar o meio fotográfico:

O presidente de uma poderosa multinacional japonesa convocou a imprensa para fazer um anúncio solene. Prometia para o início de 1983 o lançamento comercial de um sistema fotográfico baseado na tecnologia radicalmente diferente da atual [...] O sistema Mavica – nome tirado das primeiras sílabas de Magnetic Video Camera – substitui o filme tradicional por um pequeno disco magnético, capaz de gravar 50 “fotos” e depois projetá-las em um vídeo comum de televisão ou, eventualmente, copiá-las em papel. (Kubrushy, 2006 p.28)

O que demonstra uma forma pensada para que a aceitação do digital fosse mais rápida, ainda que as primeiras fotografias não tivessem a mesma qualidade que o filme em película, seu desenvolvimento e aprimoramento foram rápidos, se comparado à trajetória do desenvolvimento vindos dos daguerreotipos. E logo, os fotógrafos profissionais também passaram a utilizar esse equipamento digital, pelo mesmo proporcionar baixo custo, no que se refere a trocar de vários filmes em rolo por cartões digitais com capacidade superior às 36 poses de um filme tradicional, e com maior agilidade por conseguir saber se uma fotografia ficou boa ou não.

Dessa forma a inserção e ascensão da eletrônica e do digital no mercado proporcionaram ao mundo uma nova e mais rápida forma de dinamismo desses objetos fotográficos. Mesmo que no início as fábricas de equipamentos especializados para máquinas analógicas não se preocupassem com a nova tecnologia, pela qualidade que o filme possuía,

A aparente tranquilidade, então, de um alto funcionário de uma indústria de filmes, diante da novidade: “(...) não nos assusta. Se pelo menos fosse o contrário, existissem apenas essas imagens e então lançássemos o filme convencional, o público estaria muito mais entusiasmado”. (Kubrusly, 2006 p. 30 a 31).

Sobre esta situação, de percepção da mudança do mercado, outras empresas do ramo fotográfico seguiram a esses novos rumos e perceberam o novo nicho mercadológico e investiram de forma significativa nessa novidade propensa a ascensão mercadológica.

Para refletir sobre essa nova fase do negócio fotográfico, é pertinente fazer referência à necessidade que possuir uma mercadora tem para os homens, como afirma Karl Marx (2013) “A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa

que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia.” (Marx, 2013 p.57). Assim, podemos relacionar o significado de mercadoria com a crescente procura por câmeras fotográficas, em tamanhos compactos, destinados a massa com subsídios pensados para que pudessem fotografar sem grande necessidade de fotografia.

Demonstrando dessa maneira que as mudanças vividas pela fotografia contribuíram para momentos importantes na sociedade de modo geral, tanto no âmbito social, econômico e até mesmo político. Como quando...

Posto que a fotografia passou a atuar nas mais diversas áreas, deixando de ser associada somente a questão da representação e registro social.

3.2 – A sociedade como consumidora da fotografia de eventos sociais

Desde o século XIX com o advento da fotografia a sociedade passou a utilizá-la primeiramente como forma de demonstração de ascensão social, o que é discutido por Freund (1976) quando se reporta ao assunto dizendo que:

O retrato, que na França foi, séculos atrás, privilegiar alguns círculos, é somente, com o deslocamento social, a uma democratização. Mesmo antes da Revolução Francesa, a moda do retrato começou a se espalhar pelos médios burgueses. A medida que se afirmavam necessitavam da representação de si mesmos. (p.13)¹⁵

Demonstrando o quanto a fotografia servia para afirmar o status daqueles que estavam se aproximando cada vez mais da elite, paralelamente, conforme se tornou mais acessíveis às fotografias passaram a ser almejadas pelas camadas populares. Freund (1976) destaca as exigências feitas por esses clientes recém ascendentes sociais que cobravam alta qualidade de produto e queriam pagar pouco por isso, e também sobre o fato disseminação do gosto em possuir um retrato, que causou corrida entre as famílias para adquirirem retratos assim como a alta sociedade estava fazendo.

Esse novo hábito social causou mudanças em relação ao comportamento da sociedade, que estava cada vez mais propícia ao registro fotográfico fortalecendo ainda mais essa forma de representação social. Oriunda desde a pintura, o retrato, continuou

¹⁵El retrato, que en Francia era, desde hacia siglos, privilegio de algunos círculos, se somente, con el desplazamiento social, a una democratización. Ya desde antes de la Revolución francesa, la moda del retrato comienza a extenderse em los médios burgueses. A medida que se afirmaba la necesidad de representarse a sí mismo. (p.13)

com a fotografia, mas abrangendo um quantitativo ainda maior de pessoas, posto que seus custos eram menores possibilitando dessa forma a expansão e aquisição de um retrato, aumentando assim a procura do indivíduo em representar-se, deixando de ser um mero figurante da sociedade onde estava posto.

O ato de fotografar se tornou um hábito comum desenvolvido pelas famílias, como aponta Susan Sontag (2004) o fato dessas famílias começarem a montar “crônicas visuais”, onde registravam momentos importantes das fases da vida dos membros da família como formas de “... proteção contra a ansiedade e um instrumento de poder” (SONTAG, 2004 p.18) utilizado para guardar os momentos que aconteciam, por serem feitas pelos próprios membros da família.

A autora ressalta ainda que “... Segundo um estudo sociológico feito na França, à maioria das casas tem uma câmera, mas as casa em que há crianças têm uma probabilidade duas vezes maior de ter pelo menos uma câmera, em comparação com as casas sem crianças...” (p.19) o que reforça sua ideia sobre o registro do cotidiano, que no século XX se tornou mais frequente, posto que o barateamento da câmera juntamente com a facilidade na prática fotográfica aumentou esse quantitativo de registro, bem como o fato de crianças serem o motivo para famílias pudessem ser detentoras de pelo menos uma câmera fotográfica para registrar esses momentos únicos que serão lembrados na posteridade através dessas fotografias.

E esse registro amador foi sendo cada vez mais frequente com o intuito de retenção do presente para que se tivesse a sensação de possuidor de algo, do que um dia ocorreu, ressaltando o registro das fases da vida de uma pessoa, se faz importante porque será através desses registros fotográficos se comprovará a ocorrência dos momentos e que independe de terem sido feitos por profissionais ou não, vale o ato de poder guardar aquele fragmento do tempo. Tornando a fotografia mais prática e acessível à sociedade que cada vez mais se fascinavam pela proeza em possuir uma representação de si.

E com o decorrer do tempo e das novas formas de comunicação, a internet surgiu e teve um importante papel social, sendo a comunicação um deles, por facilitar e tornar simultâneas questões ocorridas em qualquer parte do mundo. Sendo transformada em uma ferramenta útil à humanidade, a partir da internet foram criadas formas de interação social como páginas de relacionamento, redes sociais, sites e blogs com os mais diversificados assuntos, jogos e outras formas de interatividade social.

Que possibilitaram a procura por gosto musical, hobbies, comida, cinema, fotografia e etc. e com esse novo formato surgiram questões comerciais, que foram criadas e direcionadas ao público virtual, sendo o enfoque para este trabalho especificamente os portais, criados com o fim de tornar visíveis festas sociais que ocorrem na cidade, com fotografias geralmente disponibilizadas pelo dono da festa para maior visualização da comemoração ocorrida, bem como o intuito de que qualquer pessoa possa ter acesso a esse portal diminuindo fronteiras entre parentes distantes ou mesmo demonstrando a curiosos as mais variadas festas registradas pelo site.

E na cidade de Macapá surgiu há exatos onze anos o primeiro portal especializado em fazer esse tipo de trabalho, de divulgar através de fotos em eventos sociais em geral, com o intuito de proporcionar mais comodidade a quem quisesse ter acesso a essas fotografias, como menciona o responsável pelo site:

[...] eu já fazia faculdade e eu resolvi abrir pra cobrir festa, ai eu vi que foi interessante, que a pessoa foi buscar as fotos no site, foi olhar pra querer se vê, querer buscar pra publicar, na época do Orkut, ai eu vi que rolava. Eu comecei a cobrir festa, festa, festa e quando eu vi foi se profissionalizando o negócio, e a brincadeira deixou de ser brincadeira e acabou virando um negócio. E a partir do momento que vira um negócio você é obrigado a profissionalizar as coisas. (Entrevistado - Portal)

Este portal¹⁶ foi o pioneiro na cidade e nasceu através de um modelo visto de um site nordestino que cobria eventos e em seguida fazia a divulgação dos mesmos:

[...] me espelhei no site chamado *oba.com.br* site de Fortaleza. Que eu achei interessante que eles cobriram uma festa, em Ceará, chamado Music Fest, e eu fui olhar as fotos. Uns amigos meus estavam lá e então eu resolvi trazer a ideia pra cá né?! Mas aqui em Macapá eu fui o primeiro site de todos. (Entrevistado - Portal)

Demonstrando dessa maneira que a percepção de um novo negócio através da exibição de fotos em um site se tornou uma forma mais interessante de fazer com que as pessoas pudessem procurar por suas fisionomias no banco virtual do site e em seguida compartilhar suas fotografias com outras pessoas, conseqüentemente aumentando a visibilidade do portal onde estavam armazenados esses arquivos virtuais.

¹⁶ Cairoska, é um site cujo intuito maior é o de exibir, através de fotografias, eventos sociais existentes na cidade de Macapá, para tonar visível tanto os eventos fotografados como o próprio site que é patrocinado por algumas lojas.

Entretanto esse novo formato de negócio trouxe para a cidade de Macapá uma nova maneira de trabalhar com a fotografia, e essa nova maneira causou entre os fotógrafos sociais mais antigos, certa aversão quanto ao formato que estava adentrando no mercado local. Ocasionalmente em um primeiro momento desentendimentos entre os fotógrafos sociais amapaenses. Isso porque os sites, de modo geral, tem uma forma peculiar de fechar contratos com seus clientes que iriam realizar festas e queriam divulga-las no portal:

[...] veem como uma forma ideal de mostrar o que acontece em evento, tipo aniversário, casamento. As pessoas que gostam de organizar eventos e gostam da publicidade das coisas, hoje em dia você um evento e as pessoas querem tornar públicas aquelas coisas. (Entrevista Portal).

Ressaltando dessa maneira que o site além de fazer as primeiras terceirizações, com pessoas de menos idade e menos conhecimento técnico da fotografia, passou a cobrar por sua cobertura fotográfica com a exibição das fotografias no site, um preço que não condizia com a do mercado fotográfico estabelecido antes de sua entrada, mas como este ramo fotográfico encontrou demanda, continuou no mercado e existe até os dias atuais com vários outros portais pela cidade. Tanto que:

[...] o site é uma empresa que a pessoa liga *pro* site e contrata, ela tá contratando o site não tá contratando o fotógrafo, só que como ela tá contratando o site, o site que faz todo o trâmite pra levar o fotógrafo pra lá. Então o fotógrafo da empresa vai pra lá, ele vai como um fotógrafo pelo site [...]. (Entrevista Portal).

Sendo essa situação ocorrida quando a contratação se dá diretamente através do site, que vai organizar a melhor forma de gerar meios de levar e trazê-los no final da festa, o que não ocorre via de regra. Em outros sites que preferem que o fotógrafo tenha seu próprio equipamento e veículo para que possa ir e vir sem depender de meios cedidos pelos portais.

Entretanto durante as entrevistas foi possível verificar que se um fotógrafo de site fechar um evento por conta própria, o mesmo pode levar o equipamento do site mediante o pagamento de aluguel¹⁷ do equipamento, que é fixo, ou seja, não muda conforme a grandeza do evento, posto que essa situação serve também como forma de

¹⁷ O aluguel do equipamento no site Cairoska é de no mínimo R\$ 50,00 reais por solicitação realizada.

incentivo para que o fotógrafo de site possa fazer outros trabalhos, além dos designados pelos portais.

O mundo dos fotógrafos de site gira em torno da ideia de descontração durante a realização do trabalho, posto que seu público é aquele frequentador de lugares noturnos, lembrando que além de cerimônias como casamentos e aniversários esses fotógrafos frequentam muitas boates, por serem elas as principais patrocinadoras dos portais, que sedem cortesias com o intuito da visibilidade de seus espaços físicos.

E esse universo festeiro frequentado por esses rapazes, iniciantes na profissão fotográfica, por várias vezes é questionado pelos fotógrafos mais antigos, que veem essa questão como sendo uma armadilha a aos iniciantes, que pela pouca experiência acabam cometendo erros que são cruciais à profissão de fotógrafo:

[...] tem pessoas que se dizem fotógrafas, mas elas não são fotógrafas, elas apenas batem foto, por exemplo, assim, não discriminando o pessoal de site, então a maioria das pessoas que trabalham em site eles não são fotógrafos, eles batem foto, [...] Por exemplo, se você convida um menino desses de site pra fotografar seu casamento, o quê que acontece, quando ele chega lá ele acha que ele faz parte da festa, mas ele tá ali pra prestar um serviço, e tá, ele começa a beber, começa a paquerar as meninas da festa. Então tudo isso é antiético. Então você tem que prestar o seu serviço e ficar no seu lugar. (Fotógrafo Adson).

Esse comportamento é utilizado pelos fotógrafos mais antigos como forma de tentar demonstrar que ainda que a tecnologia tenha facilitado o manuseio fotográfico ainda não é o suficiente para que seja feita a troca da presença de um fotógrafo profissional com muitos anos de profissão por uma pessoa que iniciou a pouco tempo na profissão de fotógrafo, demonstrando dessa maneira que a postura do fotógrafo deva se dá independente da idade e tempo de profissão, posto que a maioria dos entrevistados utilizaram esse argumento quando perguntados sobre os fotógrafos de site.

Outra questão sobre a entrada dos sites para a cidade de Macapá está na queda dos preços do trabalho fotográfico, antigamente o preço se dava pela quantidade de fotos, e atualmente se dá por diárias, sem limites de fotos. E esse fator se deu após ter havido a mudança do analógico para o digital que proporcionou facilidade no manuseio e no custo, já que por auxiliar a alimentação do site com as fotos realizadas pelos fotógrafos de site. Sobre essa questão alguns fotógrafos mais antigos disseram que:

Geralmente a gente fotografava mais por contrato, a quantidade de fotografia e era mais tranquilo, porque as pessoas não sabiam fotografar, por exemplo, hoje até um celular faz uma foto, e fotografia de celular as vez são até melhores que fotografias nossas, que nos dizemos profissionais. E ai a fotografia antigamente, geralmente quando a gente fotografava por ai as pessoas compravam mesmo as fotografias, valorizavam mais, hoje não, eles se acham auto fotógrafos e a fotografia tá até uma coisa banalizada, antigamente ganhava por quantidade de fotografia, antigamente custava R\$ 5,00 reais uma fotografia, e era mais tranquilo fotografar, hoje não o “cara” fotografa mais por diária, antigamente passava duas semanas para fazer um trabalho, mais fazia um trabalho e valia para o mês inteiro, hoje pode trabalhar um mês todinho e não vale por uma semana de antigamente. (Fotógrafo Paulo).

Isso porque essa nova maneira de trabalho utilizando a fotografia culminou na queda do preço cobrado pelos fotógrafos que faziam a cobertura fotográfica e entregavam as fotos em papel já postas em álbuns. Sendo que os sites têm como forma de trabalho, além da cobertura fotográfica, a exibição das fotos no site, com preço inferior ao cobrado pelos fotógrafos sociais locais.

E por existir essa significativa diferença de valores entre o trabalho prestado por fotógrafos profissionais mais antigos e dos realizados pelos fotógrafos de sites acarretou em desentendimentos mutuo entre esses trabalhadores da fotografia. E durante as entrevistas foi comum ouvir queixas relacionadas aos fotógrafos de site como:

Olha, os fotógrafos de site, na verdade alguns são fotógrafos com experiência, outros não, como eu te falei, como o equipamento tá ao acesso de todos, pega uma maquina bate foto e coloca lá no site, simplesmente ele bate foto , ele não é considerado um fotógrafo profissional, ai como a tecnologia tá ao acesso de todos a um preço que tu consegue a um custo baixo, a um custo alto, ai o cara consegue a um custo baixo e ele vende a qualquer preço, tipo como se fosse banana, a foto tá igual banana, onde tu chega tem (Fotógrafo Valdomiro).

E também houve discurso que demonstrava o seguinte posicionamento:

Olha os fotógrafos de site, eu até convivo com alguns, ultimamente eu fui fotografar e tinha um lá, que ele não atrapalha ninguém sabe, agora tem uns ai que atrapalham, que eles chegam e fazem uma foto bem baratinha a pessoa pega aquele montam de foto, e eu já vi fotógrafo falar por ai que o de site atrapalham eles. E eu já peguei um de site por ai, eu fui fotografar um 15 anos a poucos dias, mas eles não me atrapalharam não, poucos dias não ano passado, tinha uns lá, mas não me atrapalhou não, mas eles tem atrapalhado muitos fotógrafos. (Fotógrafa Tereza).

De modo geral, durante as entrevistas os fotógrafos demonstraram esses dois tipos de posicionamento, ou de antipatia pelos fotógrafos de site por terem modificado, com sua chegada, os preços cobrados no mercado fotográfico, ou com apatia quando notavam a presença do fotógrafo de site ao chegarem ao local da festa para onde também foram contratados.

Contudo, é interessante visualizar que nessa dualidade ocorrida pela entrada dos sites na cidade de Macapá, fez os fotógrafos sociais disputarem espaço com os sites, mas essa disputa ocasionou na diminuição do preço cobrado pelos fotógrafos de modo geral, sendo a diminuição uma primeira forma de fissura no mercado desses profissionais, posto que essa novidade de facilidade em poder adquirir as fotos em portais em qualquer lugar do mundo atizou a procura por esse tipo de serviço.

E a procura por esse mercado virtual acarretou em mudanças no mercado dos fotógrafos da cidade de Macapá, recorrentes desta nova forma de representação social, que foi justamente da diminuição dos preços e do serviço realizado por pessoas com bem menos idade, geralmente a partir dos 15 anos e que prestam serviço aos donos de portais.

Essa questão faz perceber que tanto na atualidade quanto no surgimento da fotografia, a sociedade geralmente se apropria dos meios inventados pelos homens que os fez reféns do novo, como afirma Freund (1976) ao mencionar que geralmente a invenção nasce fadada ao fracasso e a cada momento novas invenções podem surgir fazendo com que novas profissões surjam por causa das novas formas trabalho e seus desdobramentos e essa questão levantada por ser visualizada na atual forma mercadológica em que se encontra o fotógrafo social na cidade de Macapá que interage com os fotógrafos de site e de empresas de formatura.

3.3 – O mercado de trabalho e a terceirização

Tanto na indústria ou com clientes diretos, o mercado de trabalho vem sofrendo modificações em suas estruturas. O que permite visualizar fatores e questões relacionados ao campo de trabalho que ainda não estava tão aparente, como a questão da terceirização do trabalho, mas que vem crescendo desde a década de 1980, como menciona Ricardo Antunes (2005), e se torna presente na sociedade em que vivemos, por diminuir custos empregatícios e os direitos trabalhistas.

E mencionar esse assunto é lembrar que, por trás de um produto final existe uma série de passos que proporcionam o seu desenvolvimento, como demonstra Antunes (2005), e que é intrínseco a esse desenvolvimento o trabalho vivo e o trabalho morto, para a produção da mercadoria que vai culminar no capital, por ser extraído o máximo possível dos trabalhadores num tempo mais reduzido, aumentando dessa forma o trabalho morto, advindo do manuseio tecnocientífico. E que também se refere ao atual século como diminuidor dos direitos dos empregados, posto que a terceirização, em ascensão na atualidade, ocasiona na precarização do trabalho por não mais haver vínculo empregatício e nem estabilidade quanto ao emprego, e essa situação percorre os vários ramos industriais, assim como os comerciais.

Acompanhando o que o referido autor chama de “qualidade total” presente na sociedade involucral¹⁸, onde o dinamismo e a queda na qualidade do objeto, são recorrentes do desenvolvido para agilizar cada vez mais os modos de produção. Esta mercadoria produz uma espécie de ciclo vicioso, ocorrida a partir da compra dessas mercadorias, que se dará em menos tempo, com a ilusão de que o próximo produto virá constituído de recentes novidades e tecnologias, como o autor mesmo expõe, “a falácia da qualidade torna-se evidente: quanto mais ‘qualidade total’ os produtos alegarem ter, menor é o seu tempo de duração...” (ANTUNES 2005 p.42). E esse discurso é também percebido na fala de um dos entrevistados da referida pesquisa:

Agora em termo de qualidade, o equipamento [...] só que pra gente fotógrafo, acho que a gente teve uma certa perda, porque vamos dizer assim no caso, porque a analógica tinha uma durabilidade de 10, 15 anos e a digital hoje em dia você pode comprar sua máquina e dá um prazo de uns 2, 3 anos e meio, no caso, você já tem que se preparar pra comprar uma outra. (Fotógrafo Cássio).

Portanto, dos fatores produtivos e de serviços, que são desenvolvidos por pessoas tanto no campo intelectual quanto no campo material, realizados por haver demanda de consumo, o material fotográfico desde a Kodak, tem público certo e crescente, o que ressalta o desenvolvimento contínuo de mercadorias capazes de suprir essa demanda.

¹⁸Termo utilizado para designar o novo formato de sociedade que atualmente possui uma espécie de involucro referente ao atual formato de dinamismo social.

Permitindo visualizar que através dos novos formatos que os meios de produção tomaram, no final do século XIX e perpassaram para o século XXI, com maior fluxo de trabalhos terceirizados, deixando de proporcionar ao trabalhador carteira assinada e segurança no emprego, transformando a massa que está em tempo hábil para o trabalho como flutuante, Antunes (2005) ressalta:

Essa destrutividade se expressa também quando descarta e torna supérflua uma parcela enorme da força humana mundial que trabalha, da qual cerca de um terço está realizando trabalhos parciais, precarizados ou desempregada. Isso porque o capital necessita cada vez menos do trabalho estável e cada vez mais de trabalho *part-time*, terceirizado, que se encontra em enorme crescimento no mundo produtivo industrial e de serviços. (Antunes, 2005 p. 42).

A terceirização do trabalho é uma das vertentes trabalhadas por Antunes (2005) e essa questão da empresa não possuir vínculo com o indivíduo, torna o seu trabalho uma espécie de serviço, por ser contratado para um curto espaço de tempo, diferentemente de uma contratação efetiva não possuindo limite de durabilidade e sendo executado sem vínculo empregatício, diminuindo assim os direitos trabalhistas acarretados na fuga de futuras responsabilidades de patrões com empregados, perante as leis trabalhistas.

Como o autor mesmo coloca em sua análise, a terceirização do trabalho é algo que está ocorrendo com mais frequência, principalmente no campo industrial e estatal, mas sem deixar o comércio fora dessa nova forma de conseguir mão de obra que se faz mais barata e sem despesas trabalhistas por conta das contratações em curtos períodos.

Outra questão sobre o trabalho se dá a partir da discussão de Giovanni Alves (1999), que fala sobre a proletarização tardia, como “a nova precariedade do trabalho assalariado sob a mundialização do capital” (p. 152) que se dá por aquelas pessoas que estão a margem dos empregados estáveis com carteira assinada e sem tempo prévio de desvinculação, ou seja, essas pessoas prestam serviços, através de contratos e diárias que diminuem as despesas dos empregados quanto as questões trabalhistas.

Essa questão é posta por Alves (1999) como sendo um mascaramento da exclusão social tendo o desemprego estrutural como plano de fundo, que é ocasionado pela acumulação flexível vinda da adequação da nova forma de precariedade do trabalho assalariado, onde o empregado sofre com as novas formas do sistema do

trabalho que mudam de acordo com a economia e política dos centros que movem as indústrias e os mercados de forma geral.

E essa nova forma de trabalho se dá organizada por empregados fixos que organizam a gestão da mão de obra de trabalhadores não integrais para que esse novo sistema continue, mas esse grupo, como ressalta Alves (1999), deve ser flexível a horários e locais de trabalho que variam conforme a necessidade dos seus empregadores. Mas o autor lembra ainda que dependendo do cargo que a pessoa desenvolva vai ter menos chance de construir uma carreira por haver um alto grau de rotatividade que impossibilita essa questão, o que ocorre com mais frequência aos trabalhadores de trabalho rotineiro e de trabalho manual.

O que caracteriza o autor se referir à falácia da “sociedade dual”, que parece ocorrer, mas como sendo a ocultação de “... uma contratação real: sob a lógica do capital, os altos salários precisam dos mais baixos salários.” (ALVES 1999, p.154) reforçando a forma de distribuição de trabalho de acordo com a hierarquia posta dentro do sistema empregatício e do campo em que o trabalhador se encontra, se é o de “centro” ou “periferia”.

E essa questão demonstra que “O aumento da *subcontratação* é um indicativo da subproletarização tardia” (ALVES 1999, p.155) que se faz pela grande procura de indivíduos que fazem parte dessa nova de trabalhados por estarem a margem dos empregados fixos, e uma outra questão veio com a “dubproletarização tardia”, que foi justamente o aumento no quantitativo de pequenas empresas, ao prestarem serviços, que passaram a suprir a necessidade de corporações industriais auxiliando-os como uma espécie de “colchão” que amortece as instabilidades do mercado, por terem a capacidade de superar essas inconstâncias graças aos estímulos vindos da acumulação capitalista que explica sua interação com as indústrias que possuem o ritmo da “concorrência planetária” (ALVES 1999, p. 155).

E trazendo esse panorama para uma questão mais local, é verificável que no caso dos fotógrafos profissionais de eventos sociais amapaenses, as relações existentes entre esses profissionais e as empresas organizadoras de eventos sociais, que também prestam serviços fotográficos em seus pacotes, realizam a contratação dos profissionais da fotografia, através de diárias, que variam com o tipo de evento a ser fotografado, e oscilam entre R\$ 150,00 à R\$ 250,00 reais, por evento. A contratação acontece através de um acordo verbal e o pagamento é realizado geralmente no final de cada evento fotografado.

Essa situação da terceirização do trabalho do fotógrafo ocorre há pelo menos cinco anos na Cidade de Macapá, tempo recorrente da entrada dessas empresas e desse novo formato de prestação de serviço, que ocasionou em significativa mudança do comportamento dos profissionais locais, que estavam habituados em formar pequenos grupos de fotógrafos que “fechavam”¹⁹ turmas de graduação e faziam a cobertura fotográfica. Mas a partir da entrada dessas novas empresas na cidade, o formato de como executar o trabalho fotográfico se modificou, tendo no início a presença de fotógrafos de fora do Estado para executar o tipo de serviço a que as empresas estavam habituadas a realizar, e após a “especialização” da mão de obra local, essas referidas empresas desenvolveram uma espécie de lista com os nomes dos fotógrafos que são contactados de acordo com a demanda que essas empresas assumem e com o perfil de cada fotógrafo para cada tipo de evento. Como especifica a dona de uma das empresas presentes na cidade:

Porque a gente já tem uma pré seleção de vários fotógrafos, né?! E aí dependendo de cada evento, cada fotógrafo tem uma ênfase boa em cada tipo de evento, formatura, a gente sabe, já tem aqui, já trabalhou, né?! Então a gente já sabe quem chamar. (Entrevista Empresa de eventos sociais).

O que remonta a discussão anterior sobre a terceirização do trabalho, mais especificamente do serviço fotográfico, que é prestado por fotógrafos locais através de seus perfis fotográficos, onde as características do tipo de evento a ser fotografado, será o motivo da contratação para o referido serviço. Essa é uma situação comum entre fotógrafos e empresas que terceirizam a fotografia em seus pacotes de formaturas.

Essa condição vivenciada pelos fotógrafos amapaenses ocasionou em uma significativa perda de trabalho no ramo de formatura, sendo outros eventos como casamento, aniversários as áreas mais comuns de atuação desses fotógrafos, acarretadas por esse novo formato de distribuição dos eventos sociais da cidade. Sendo comum entre os próprios fotógrafos reclamação e aceitação dos novos rumos que tomaram a forma de fazer o fechamento do trabalho entre as turmas diretamente com as empresas e

¹⁹Fecha turma é um termo utilizado para designar a contratação do serviço fotográfico diretamente entre fotógrafo e a turma que vai se formar. Geralmente ocorre com um pequeno grupo composto de três a cinco fotógrafos, dependendo da quantidade de alunos onde os mesmos se dividem em partes iguais a quantidade de alunos e após o evento cada um se responsabiliza pelos seus clientes, no que diz respeito entrega e pagamento das fotografias.

dessas empresas fazendo uso da mão de obra desses fotógrafos sociais na cidade de Macapá.

E com essa situação atualmente vivenciada entre fotógrafos e empresas de eventos, mostram duas formas de ver a mesma situação, a primeira opção ocorre justamente com aqueles fotógrafos que já não aceitam mais a presente situação de seu mercado fotográfico e como uma forma de protesto desenvolve trabalhos similares aos das empresas, mesmo sendo com menos recurso financeiros, mas que estão se firmando aos poucos. E essa forma de entrada no mercado visando fazer frente com as empresas de formatura se encontra em um estágio embrionário do que futuramente pretende-se constituir no cenário amapaense que é de brigar pelo espaço que possuíam antes com estrutura próxima a existente na cidade, mas que não tardará em ocorrer, como foi declarado em primeira mão por um dos entrevistados, e percebido em algumas falas durante as idas a campo para a coleta de dados para este trabalho.

E a segunda forma, como um dos entrevistados se reporta a maneira como ocorre à contratação dos serviços prestados por essas empresas e da contratação dos fotógrafos locais:

Geralmente essas pessoas que pegam vários eventos, por exemplo, também, essas pessoas que trabalham com site, eles pegam bastante eventos e eles vão lá e contratam um fotógrafo pra suprir a necessidade da noite, mas geralmente as pessoas que vem de fora, pega bastante formatura, bastante eventos grandes, ai não dão conta de fazer o trabalho sozinhos, e ai geralmente eles contratam a gente. [...] Inclusive eu acho até uma injustiça, porque geralmente o profissional, o pessoal vem lá de fora, nós aqui profissionais fazemos trabalho pra eles, tudo bem que a gente não tem o trabalho lá na hora, mas eu acho injusto porque justamente, nós que estamos aqui, batalhando, fica sem nada, vão embora e leva o dinheiro da galera daqui, daquela enrolada legal na galera aqui, e ai leva o dinheiro do pessoal daqui. (Fotógrafo Paulo).

Mostrando assim que a mão de obra local dos fotógrafos sociais é realizada de forma terceirizada, com o intuito de desenvolver a demanda que a empresa tomou para si ao fechar um determinado tipo de trabalho. É presente ainda na fala do entrevistado, que essas empresas quando aqui chegaram perceberam o nicho de mercado, referindo-se às formaturas, e se estabeleceram aqui desde então. Na cidade de Macapá existem três empresas que atualmente quase que exclusivamente trabalham com serviços para formaturas, são elas Designer, Imperial e Fabrica de Sonhos.

Essas empresas que se estabeleceram na cidade e que por possuírem métodos mais diversificados e maior fluxo de capital para gerenciar vários eventos sem se

preocupar como executar tais demandas, posto que optam em terceirizar a maioria dos serviços que propõem realizar, sendo a fotografia o carro chefe de seus negócios porque cada uma dessas empresas presta o serviço as formandos mediante acordo formal de exclusividade fotográfica total no dia da cerimonia, sob a pena da não entrada do fotógrafo que for contratado pelo referido aluno, se ele assinar contrato com a turma. Posto que a empresa seda “seus próprios” fotógrafos para essa cobertura fotográfica.

Esse tipo de situação passou a ocorrer com a vinda dessas empresas para a cidade, com o fechamento de turmas inteiras de formaturas que funciona da referida maneira. Primeiramente as empresas mandam seus vendedores até as universidades e oferecerem seus pacotes de formatura, onde geralmente consta placa, aula da saudade, beca, convites, lembranças de formatura, e cerimonial para festa e tudo isso acompanhado da cobertura fotográfica. Costumam fechar contrato com toda turma ou com mais da metade dela. Quando fecham as turmas inteiras, essas empresas proibem o livre acesso dos fotógrafos, só transitam nesse espaço os fotógrafos que eles contrataram e que dependendo do tamanho da turma se dividem entre dois ou quatro fotógrafos por cerimonia.

Essa nova forma de trabalhar, tornado privado um espaço público, causou desconforto e situações delicadas entre empresas e fotógrafos, por não ser a realidade local, até então, essa nova maneira de trabalha foi posta à força, mudando a disposição do trabalho dos fotógrafos locais, que ainda sofrem com essa situação.

Nas entrevistas realizadas com os fotógrafos várias questões sobre constrangimentos que passaram por terem sido barrados em algum tipo de evento que não permitia a entrada de fotógrafos que não fossem os contratados pela empresa são ouvidas com frequência. Assim como a maneira que era o mercado de trabalho antes da vinda dessas empresas de eventos sociais para a cidade, relatado por um dos entrevistados:

É quebrou a gente, nós os fotógrafos, porque quando elas não existiam nós fotografava o mês praticamente todo, porque tinha formatura, a gente escolhia, só pra ti ter uma ideia, antes dessas empresas virem pra Macapá, nós escolhia o que a gente ia fotografar “Ah, eu não vou pra tal serviço não, dá pra fulano”, “Ah, não vou pra tal serviço, dá pra beltrano”, entendeu?! Então a gente escolhia se queria ir pra uma formatura ou pra um aniversário de criança, se queria ir pra uma formatura ou queria ir pra um casamento, hoje não existe mais isso, não existe porque eles tomaram conta das formaturas e com certeza alguém chama pra fotografar um casamento ou uma coisa assim, entendeu?! Isso não existe mais. Mas antes delas vim pra Macapá era muito melhor. (Fotógrafo Paulo Gil)

O que possibilita compreende que as empresas de eventos sociais assim como atingiram o mercado de trabalho dos fotógrafos locais através dos fechamentos maciços de contrato com as turmas de formandos, sem que pudesse haver competição, também modificaram as formas de comportamento desses profissionais, que estavam habituados a um determinado ritmo de serviço e foram levados a modificar sua rotina, como escolher o tipo de evento que iria fotografar, dando-lhes agora pouca escolha, ou fazem trabalhos menores ou terceirizam sua mão de obra para as empresas.

Com isso visualiza-se a mudança no mercado de trabalho dos fotógrafos de eventos sociais na cidade de Macapá, antes da presença das empresas especializadas em eventos sociais, a concorrência era amena, em pequena proporção, o que possibilitava a interação entre os fotógrafos locais, que dividiam entre si os eventos sociais. Mas esse quadro mudou, como dizem os fotógrafos entrevistados, e modificou a rotina desses profissionais locais. Essa mudança se deu também como algo natural do mundo dos negócios, e essa mudança pode ser vista também como:

Na verdade são nichos de mercado, essas coisas costumam acontecer, tem um poder aquisitivo, percebe o nicho de mercado, geralmente vem de grandes capitais pra cá, normal, o comércio normal, agora o que faz acontecer isso aqui no nosso meio é a falta de organização dos próprios profissionais que estão aqui. A galera não tem coragem de se juntar e chegar nas universidades e dizer “olha, nós somos um grupo e a gente tá oferecendo esse serviço aqui”, se o camarada vem de fora e consegue vender a preços exorbitantes o trabalho a visão profissional das fotografias é a mesma de um grupo pequeno daqui porque é esse grupo pequeno que sempre fotografa ganhando uma mixaria por evento, eu acho que é só falta de organização mesmo. (Fotógrafo Edinei)

Esse pensamento também é comum a outro entrevistado que já está no ramo de formaturas e possui parceria com outros fotógrafos e juntos prestam os mesmo serviços dessas empresas especializadas em eventos sociais, só que em uma proporção menor, como se reporta em sua narrativa:

Teve um abalo e não teve, né?! Na minha opinião esses cara vieram pra acordar coisas que aqui não tinha, na minha opinião foi bom essas caras terem vindo pra cá, porque os caras trouxeram coisas que aqui em Macapá não tem, o avanço de tecnologia, entendeu?! De aquecimento do mercado, os cara tava acostumado só com foto, hoje em dia não é só foto[...] Hoje em dia tem beca, nem tanto o álbum, o álbum hoje, hoje em dia o cara precisa de uma placa, precisa de uma beca, ele precisa fazer uma festa, o pessoal não tá mais nem ligando pra isso, pra foto, eles dizem: ‘Foto... meu pai tem uma máquina, meu irmão tem uma máquina, meu cunhado tem [...] (Fotógrafo Valdomiro)

Visualizar as falas desses dois entrevistados demonstra que o abalo com a chegada dessas empresas na cidade foi significativo, tanto que a escolha do evento a ser fotografado já não existe mais. Mas no segundo momento sobre a mesma situação em que os outros dois fotógrafos compreendem a atual situação que estão vivenciando, como sendo algo natural do mercado, naturalizam a mudança de um mercado mais pacato para algo mais dinâmico, onde a entrada dessas empresas (que tomaram para si as formaturas de graduação de quase todas as instituições de ensino da cidade), e que fecham pacotes tentadores com a única prerrogativa, exclusividade fotográfica.

A competitividade dessas empresas são provenientes do meio de onde vieram como Nordeste e Sudeste, onde o campo de atuação é bastante aquecido e trouxeram esse formato para continuar trabalhando nos moldes em que foram moldados.

O ramo de formatura é cada vez mais afunilado, dificultando a entrada dos fotógrafos locais como responsáveis pela cobertura fotográfica, lhes restando à forma terceirizada, e em quase 80% dos casos utilizando apenas a sua mão de obra, tanto é que às máquinas fotográficas utilizadas são dos próprios fotógrafos, mas os cartões de memória onde ficam armazenadas as fotografias pertencem, em sua maioria, às empresas, e são recolhidos no final de cada evento. Pois no momento da entrega do cartão de memória ocorre a segunda etapa cabível somente a empresa, que é a fabricação e montagem do álbum fotográfico, que posteriormente será comprado pelos graduados daquela formatura. E sobre essa questão é interessante mencionar a indignação de um dos entrevistados com relação aos preços pagos aos fotógrafos, para a prestação de serviço e dos preços cobrados do cliente final em cada álbum que for vendido:

Vende os álbuns no valor, por exemplo, um álbum que eles vendem, dá pra pagar todo o trabalho de todos os profissionais que trabalham pra eles, um álbum só, por exemplo, um álbum custa em torno de R\$ 2.000 ou R\$ 2.500 reais por aí, e aí a diária do fotógrafo é R\$ 150,00, é muito injusto. Mas o culpado disso também é a falta de união, nossa mesmo, agente só quer olhar pra si, olhar pra nós mesmos. (Fotógrafo Paulo).

Demonstrando que a perda de espaço no ramo de formatura é cada vez maior, sendo presente também a desvalorização do profissional através do que é pago a ele no final de cada evento. O que permite dizer sobre essa situação é que o fotógrafo tem dois

caminhos a serem percorridos, ou passarem a desenvolver serviços terceirizados para essas mesmas empresas por meio de contratos informais, sendo o pagamento realizado geralmente no final de cada cerimônia. Ou pela segunda opção que é a abertura de suas próprias empresas que ofereçam desde serviços básicos como, fotos para documentos, books fotográficos até coberturas de eventos sociais, incluindo as formaturas.

Sendo visível a mudança no comportamento dos fotógrafos sociais da cidade de Macapá, que se modificou com base nas mudanças ocorridas em seu mercado de trabalho a partir da entrada dessas duas formas de se trabalhar com a fotografia (empresas e sites) que despertaram um sentimento de concorrência, da parte desses fotógrafos, para que os mesmo pudessem desenvolver seus trabalhos fotográficos e dessa forma permanecer na profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foi possível perceber algumas questões que foram de suma importância para a compreensão do objeto em questão, o fotógrafo social da cidade de Macapá.

Através da pesquisa podem-se corroborar as hipóteses postas sobre as dificuldades sentidas pelos fotógrafos, principalmente a partir da entrada dos sites e das empresas especializadas em formaturas que mostram as duas formas de diminuição do campo fotográfico na cidade de Macapá.

Isso porque ambas as formas despertaram a curiosidade e vontade das pessoas em quererem se ver em fotos digitais acessíveis em portais, bem como dos produtos vindos de fora e utilizados pelas empresas especializadas em formaturas, atrativos para conseguirem fechar as turmas de formatura.

Essas questões foram percebidas tanto nas entrevistas como durante as idas a campo. Nas entrevistas, quando perguntados se sobre a atual situação dos fotógrafos sociais macapaenses, os mesmos se referiam a essas duas questões, que são tidas como fundadoras das mudanças no mercado local e que os forçou a mudar o pensamento quanto à profissão que exerciam.

Ressaltando que nessa pesquisa foi possível perceber também que apesar dos pontos positivos e negativos, estes profissionais tentam organizar maneiras de continuar trabalhando, assim como acreditam que a máquina digital foi algo fundamental hoje, por causa da qualidade e baixo custo, e a transição do analógico para o digital não pode ser vista como sinônimo de extinção do fotógrafo profissional, mas sim como sendo um auxiliador em seus trabalhos, por seus benefícios em relação ao analógico.

Essas percepções apareceram unanimemente entre todos os entrevistados, que veem a fotografia digital como meio facilitador para seus serviços fotográficos, mesmo que essa facilidade chegue a grande massa e seja usufruída por ela, o fotógrafo de evento social ainda vai possuir seu espaço, mesmo que dividindo ele com amadores, fotógrafos de site e empresas de formatura, eles serão peças fundamentais nos eventos sociais, registrando com olhar impar a cerimonia que será vista depois em álbuns ou portais.

O trabalho de campo foi imprescindível para que pudesse haver interação, bem como confiança da parte dos entrevistados em ceder um pouco de seu tempo posto que, houve segurança suficiente em manter um diálogo aberto sobre os pontos mais

delicados de sua profissão, como a terceirização de sua mão de obra, a entrada dos fotógrafos de site, os calotes já sofridos e as situações constrangedoras que vivenciaram por conta de uma dessas três posições acima.

Foi bastante frisado na fala dos fotógrafos sociais à vontade em se poder ultrapassar as barreiras (portais e empresas de formatura) e tentar conseguir usufruir do mercado fotográfico aqui existente que é crescente, e para isso os próprios fotógrafos estão se especializando em eventos de formatura e abrindo seus negócios com o intuito de fazer frente às empresas de formatura, mesmo sendo de forma sucinta.

Foi possível perceber também que as relações entre os próprios fotógrafos se dão de maneira diferente, em alguns casos com presença de reciprocidade e companheirismo, mas em outros foi possível verificar que existe somente o sentimento profissional, sem proximidade pessoal, que ocorre geralmente com fotógrafos que se conhecem a pouco tempo ou que por algum outro motivo não mantem uma relação mais estreita com os fotógrafos mais antigos.

Verificou-se também que a terceirização pode se dar de três formas distintas, e que se entrelaçam pelo auto grau de complexidade e extensa gama de relações profissionais ou empregatícias existentes na atualidade.

Onde a primeira forma de terceirização se dá a partir do site, que contrata rapazes com pouca experiência para desenvolver um trabalho fotográfico através do portal, a responsabilidade de cobrir todo evento e repassar ao dono do portal tanto as fotos quanto o dinheiro do trabalho realizado que é entregue ao fotógrafo no final do evento, que será repassado ao dono do site.

Posteriormente a segunda forma de terceirização se dá pelas empresas de formatura que deixaram mais visível esse tipo de serviço, que ocorre desde a sua entrada na cidade de Macapá e com fotógrafos que já tenham experiência de carreira, posto que esse serviço deva ter um alto nível de técnica para a fabricação dos produtos oferecidos por essas empresas como convites, placas, brindes que tem a fotografia como meio para a venda de seus produtos.

E por último a forma de terceirização vem acontecendo justamente com esses fotógrafos que abriram loja ou investiram em formaturas, e que também fecham pacotes com algumas turmas e utilizam o trabalho terceirizado de seus colegas para desenvolver seus serviços, mas sendo geralmente com preço um pouco acima do pago pelas empresas de formatura.

Entretanto o preço cobrado tanto pela primeira forma como da terceira forma de terceirização não causam grande euforia entre os fotógrafos, mas a maneira como são tratados os negócios com as empresas de formatura tem um significativo grau de complexidade, por evidenciar o baixo custo em desenvolver o material comparado ao lucro adquirido com cada aluno que fecha contrato com a empresa.

E é esse fator que mais se evidenciou nas entrevistas que apontavam a vontade em fazer frente a essas empresas o fato desses fotógrafos saberem que a quantia paga nas diárias poderiam ser maiores, mas não são e tentar ser uma espécie de concorrência fará as empresas perceberem que seus “contratados” podem realizar trabalhos assim como elas, ainda que em menor proporção.

À vontade em continuar na profissão de fotógrafo, faz com que essas pessoas pensem cotidianamente em formas diversificadas em desenvolver seu trabalho, tendo renda e condições empregatícias para isso. Pois ficou explícito em seus comentários que a profissão exige flexibilidade e reciclagem, tanto na questão técnica quanto intelectual, posto que mais informação e maneiras diferentes em se desenvolver seu trabalho, mais chances terá em continuar na profissão e fazer dela uma maneira não somente capitalista de sobreviver mais também prazerosa em desenvolve sua profissão de fotógrafo.

REFERENCIAS

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Mundialização do Capital: a nova degradação do trabalho na era da globalização**. 2ª ed. 3ª Tiragem. Praxis, Londrina 1999. Acessado em: <http://editorapraxis.cjb.net>

ANTUNES, Ricardo L. C (Ricardo Luís Coltro) 1953. **O caracol e a sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**/Ricardo Antunes – São Paulo: Boitempo, 2005. 136p.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. 1929 – **História das sociedades: das sociedades modernas as sociedades atuais**. [et al]. – 32ª ed. rev. E atualizada. – Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1995.

BARTHES, Roland. **A câmara Clara: nota sobre a fotografia**; Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 6º Cap. Ed. 6ª. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pequena história da fotografia**. In: BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8º Cap. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução Marina Appenzeller. Ed. 5ª Campinas. SP: Paurus, 2001.

Enciclopédia Mirador Internacional. **Encyclopaedia Britannica do Brasil**. Companhia Melhoramentos de São Paulo, Industria de Papel, Vol. 9. SP. 1994.

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**; Revisão técnica por Joaquim Romaguera i Ramió - Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1976.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Tradução Walter Dutra. Ed. 21ª. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.1986.

KARMAN, Roger e outros. **Fotografia: manual completo arte e técnica**. Abril Cultura, 1976.

KOSSOY, Boris. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)**. São Paulo. Instituto Moreira Salles, 2002.

COSTA, Helouise. **Pictorialismo imprensa: o caso da revista o cruzeiro (1928-1932)**. In *Fotografia usos e funções do século XIX*. Anna Tereza Fabris. 2ª ed. 1ª Reimpressão – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2008.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estação, etc.;** Tradução de Maria Ferreira, apresentação de Roberto da Matta. 2 ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

KUBRUSLY, Cláudio Araújo. **O que é fotografia**. Coleção Primeiros Passos; 82. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. 131pp.

LEITE, Marcelo Eduardo. **As fotografias carte de visite e a construção da individualidade**. V. 11, n 1. Jan/Jun. 2011.

MACHADO, Arlindo. **A fotografia sob o aspecto da eletrônica**. In: *O fotógrafo*; Etienne Samain (Org.) 3ª Ed. Editora Senac São Paulo, 2005.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX**. Tese de Mestrado – Universidade Federal Fluminense. Niteroi, 1990. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/labhoi/tdss01.htm>.

MENDOZA-HARRELL, Tomaz Willian. **Cap. I – Da pintura rupestre à fotografia**. In *Curso básico*. 2002. Disponível: [www.tharrell.prof.ufu.br/A Fotografia Cap.I.pdf](http://www.tharrell.prof.ufu.br/A%20Fotografia%20Cap.I.pdf)

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. **O império do retrato: fotografia e poder na sociedade oitocentista**. Projeto História, São Paulo, n.34, p. 169-188, jun. 2007. Disponível em: www.revista.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2472/1567

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo. Companhia das letras. 2004.

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e Trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839/1889)** Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 309.

VICENTE, Carlos Fadon. **Fotografia a questão eletrônica**. In: O fotógrafo; Etienne Samain (Org.) 3ª Ed. Editora Senac São Paulo, 2005.

Apêndice 1

**Universidade Federal do Amapá
Curso de Ciências Sociais
Trabalho de conclusão de Curso
Acadêmica Suanne Souza da Silva**

Roteiro de Perguntas – Fotógrafos

- 1- Há quanto tempo você é fotógrafo?
- 2- Por que você se tornou um fotógrafo?
- 3- Que tipo de eventos você fotografa?
- 4- Como estão os trabalhos de fotografia hoje?
- 5- Houve aumento ou diminuição dos trabalhos fotográficos atualmente? Por quê?
- 6- O que você faz além de fotografar eventos?
- 7- Como você vê a tecnologia em relação à fotografia?
- 8- Existem grandes diferenças entre a sua profissão como fotografo hoje e de quando você começou?
- 9- Como você percebe os novos fotógrafos?
- 10- Os trabalhas como fotógrafos ajudam no sustento de sua família?
- 11- Você conhece casos de fotógrafos que desistiram da profissão de fotógrafo por não conseguir se sustentar mais com ela?
- 12- Sobre os equipamentos quais as diferenças que você percebe do analógico e digital?
- 13- Como você percebe a relação entre os fotógrafos?
- 14- Como é feita a contratação de seus serviços?
- 15- Você costuma fazer trabalhos terceirizados ou só diretamente?
- 16- Existe algum tipo de apoio ou incentivo do profissional fotógrafo?
- 17- Como é a forma de pagamento dos seus serviços?
- 18- Há prejuízo econômico quando em um evento em que você esteja fotografando apareça algum fotógrafo de site?
- 19- Como é a relação entre os fotógrafos de site e os fotógrafos sociais?
- 20- Quais são as maiores dificuldades da profissão de fotógrafo?
- 21- De que forma a profissão teria melhorias?

Apêndice 2

**Universidade Federal do Amapá
Curso de Ciências Sociais
Trabalho de conclusão de Curso
Acadêmica Suanne Souza da Silva**

Roteiro de Perguntas – Site

1. Como é seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Qual sua profissão?
4. Qual o nome do seu site?
5. Como surgiu a ideia do site?
6. Há quanto tempo o site existe?
7. Qual a finalidade do seu site?
8. Como as pessoas veem o site?
9. Qual a idade dos fotógrafos que trabalham para o seu site?
10. Como ocorre a contratação?
11. Quanto ganha um fotógrafo de site?
12. Como funciona a forma de trabalho de um fotógrafo de site?
13. Quais são os tipos de eventos que o seu site faz cobertura fotográfica?
14. Como funciona a contratação do site?
15. Quantos fotógrafos de site costumam está em cada evento?
16. Já houve algum tipo de atrito com algum fotógrafo? Como foi?
17. Qual a importância do site para a sociedade, na sua opinião?

Apêndice 3

**Universidade Federal do Amapá
Curso de Ciências Sociais
Trabalho de conclusão de Curso
Acadêmica Suanne Souza da Silva**

Roteiro de Perguntas – Empresa de Formatura

1. Nome?
2. Idade?
3. Profissão?
4. Como é o nome da sua empresa?
5. Há quanto tempo ela está no mercado?
6. Quais os serviços prestados pela sua empresa?
7. Vocês fazem serviços terceirizados? Quais?
8. Qual o custo desses serviços terceirizados?
9. Como ocorre a contratação desses serviços?
10. Como é a relação com os fotógrafos com a empresa?